



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ- UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARCIANE MARIA DOS SANTOS

ENCANTOS E DESENCANTOS: Enchentes do Rio Parnaíba e a mudança no cotidiano da população Joca Marquense-PI (2008 - 2009)

PARNAÍBA-PI
2016

MARCIANE MARIA DOS SANTOS

ENCANTOS E DESENCANTOS: Enchentes do Rio Parnaíba e a mudança do cotidiano da população Joca Marquense PI (2008-2009)

Trabalho de conclusão do curso apresentado a Universidade Estadual do Piauí como um dos pré-requisitos para conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, sob a orientação do Prof. Dr. André Aguiar Nogueira.

**PARNAÍBA-PI
2016**

S237e

Santos, Marciane Maria dos.

Encantos e desencantos: enchentes do Rio Parnaíba e a mudança do cotidiano da população Joca Marquense – PI (2008 – 2010) /

Marciane Maria dos Santos - Parnaíba: UESPI, 2016.

73 f.

Orientador: Dr. André Aguiar Nogueira.

Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Piauí, 2016.

1. História 2. Joca Marques 3. Rio Parnaíba I. Nogueira, André Aguiar
II. Universidade Estadual do Piauí III. Título

CDD 981

ENCANTOS E DESENCANTOS: Enchentes do Rio Parnaíba e a mudança do cotidiano da população Joca Marquense PI (2008-2009)

Marciane Maria dos Santos

Banca Avaliadora:

Professor Dr. André Aguiar Nogueira (UESPI- *Orientador*)

Professora Me. Maria Dalva Fontenele Cerqueira

Professora Especialista Ivanilda Sá Quixaba Ferreira

Dedico este trabalho aqueles que, sem suma de dúvidas são a razão do meu viver meu pai e minha mãe e eterna gratidão aos meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos amores de minha vida, meu pai e minha mãe, que sempre fizeram o possível e o impossível para que eu nunca desistisse dos meus sonhos. Creio que sem o apoio de vocês não teria conseguido, pois nunca deixaram faltar nada para mim, mesmo estando distante. Por tanto, gratidão e amor são as palavras mais singelas para expressar meus sentimentos por estas duas pessoas maravilhosas de quem tenho orgulho de ser filha.

E como não falar daqueles seres iluminados que tenho como irmãos, cada um com suas singularidades e particularidades. Por vocês tenho um imenso carinho e amor, irmãos esses que são meus melhores amigos, agente brinca, briga e se diverte quando estamos juntos. Mas no fundo o que sempre prevaleceu é um amor profundo o que temos um pelo outro.

Também não menos importante agradeço aos amigos do Ensino Médio que sempre acreditaram que eu era capaz de seguir em frente: Bernardinha, Ana Célia, Lenira, Lucélia, Gracinha, Eduardo e aos demais, por vocês tenho profunda admiração. E claro não poderia esquecer uma pessoa que marcou muito nosso Ensino Médio, o nosso querido professor Dinael por sempre nos incentivar a buscar novos conhecimentos.

E como não agradecer a estas pessoas que encontrei pelo caminho e com o tempo se tornaram minha segunda família. Amigos que serão para vida toda, pois nos conhecemos por um acaso ou coincidência do destino, mas que sem sombra de dúvida foi uma das melhores que aconteceu aqui em Parnaíba: Jhuly, Carol, Staphny, Raiany, Idel, George e claro Josinette amigos do meu coração. Como disse Mario Quintana “Amizade é o amor que nunca morre”.

Aos colegas da turma de História 2012.2 agradeço por esses quatro anos de convívio. No entanto tem aqueles que nunca serão esquecidos: Neta, Messias, Luciana, Gabriela, Miriele e Jacqueline. Cada um teve uma passagem significativa em minha vida! Obrigada por me compreenderem da forma que sou e entenderem a forma como vejo a vida.

Agradeço também aos professores nesta instituição pelas suas singelas contribuições durante esses anos na graduação. Um agradecimento especial ao professor André Aguiar por ter-me orientando quando mais precisei, serei eternamente grata por sua contribuição, então só me resta dizer muito OBRIGADA querido. E a meus queridos colaboradores digo obrigada por terem deixado conhecer um pouco de suas histórias.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as enchentes registradas na cidade de Joca Marques-Piauí nos anos de 2008 e 2009. Nas minhas indagações procuro compreender como a população vivenciou o período, assim também como uma cidade mal planejada é susceptível a este evento que tem fatores naturais e humanos. Como arcabouço teórico utilizei autores que trabalham com o conceito de enchentes como Tucci (1997), Santos (2014), Zampier (2014), Ximenes (2010), sobre o processo de urbanização utilizei Carlos (2007), Almeida (2010). Sobre a utilização do rio Parnaíba Gandara (2008), assim como Nunes (2007). Nesta pesquisa foi necessário ir a campo utilizando a História Oral de vida, e para suporte teórico utilizei autores com José Carlos Sebe Bom Meihy (2014), Portelli (1997), Pollak (1992) para assim compreender como o modo de vida da população foi alterado. Discorro sobre a importância do rio para o estado, é feita ainda uma abordagem dos riscos ambientais no meio urbano, para assim atingir o objetivo proposto que é verificar como as enchentes alteram o cotidiano da população. Portanto o fato dos moradores permanecerem no local é uma agravante devido à baixa qualidade de vida e a vulnerabilidade da área no qual estão inseridos, além de também constituir um problema ao meio ambiente. Associando a tais fatores também existe a ineficiência de políticas públicas voltadas para educação ambiental para que a população se oriente sobre o modo correto de lidar com a situação.

Palavras-chave: História; Joca Marques; rio Parnaíba; enchentes.

ABSTRACT

This study aims to analyze the floods registered in the city of Joca Marques-Piauí in 2008 and 2009. In my inquiries seek to understand how the population lived through the period, as well as a poorly planned city is susceptible to this event that has natural and human factors. As a theoretical framework utilize authors who work as the concept of flooding as Tucci (1997), Santos (2014), Zampier (2014), Ximenes (2010) on the process of urbanization use Carlos (2007), Almeida (2010). About the use of the river Parnaíba Gandara (2008) and Ng (2007). This research was necessary to go to the field using the oral history of life, and theoretical support utilized authors with José Carlos Sebe Bom Meihy (2014), Portelli (1997), Pollak (1992) para well understand how the lifestyle of the population has changed. I discuss the importance of the river to the state, is still made an approach to environmental risks in urban areas in order to reach the proposed goal is to see how the floods alter the daily life of the population. So the fact that residents remain on site is an aggravating due to the low quality of life and the vulnerability of the area in which they live, and also a problem for the environment. Associating these factors there is also the inefficiencies of public policies for environmental education that is geared population about the correct way to handle the situation.

Key words: History; Joca Marques ; Parnaíba River ; flooding.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1- O curso da Bacia do Rio Parnaíba..... | 17 |
| Figura 2- Localização da cidade de Joca Marques no mapa do Piauí..... | 28 |
| Figura 3- Barragem de Boa Esperança..... | 38 |
| Figura 4- Espaço urbano invadido pelas enchentes do Rio Parnaíba em 2008..... | 42 |
| Figura 5- A situação das cidades no período de 2009..... | 45 |
| Figura 6- Mostrando a situação das margens do rio..... | 51 |
| Figura 7- Imagem da Avenida Beira Rio..... | 54 |
| Figura 8- Praça São Domingos..... | 57 |

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

APA- Área de Proteção Ambiental

DCE- Defesa Civil do Estado

EMATER-PI- Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Piauí

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SEMAR- Secretária Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 1. O HOMEM E O RIO: A IMPORTÂNCIA DO RIO PARNAÍBA NO PIAUÍ..... | 14 |
| 1.1 Águas que nos banham: o Rio Parnaíba e a colonização do Piauí..... | 116 |
| 1.2 O Rio e Desenvolvimento Econômico do Piauí..... | 20 |
| 1.3 O processo de urbanização das cidades nas margens do rio..... | 25 |
| 1.3.1A Cidade e o rio: formação de Joca Marques..... | 28 |
| 2. RISCOS AMBIENTAIS NO MEIO URBANO: ENCHENTES DO RIO PARNAÍBA..... | 31 |
| 2.1 Fatores naturais e humanos..... | 34 |
| 2.2 2008 um ano marcado na vida dos piauienses..... | 40 |
| 2.3 Entre casos e acasos a história se repete em 2009..... | 43 |
| 3.AGRAVAMENTO DOS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NA CIDADE DE JOCA MARQUES-PI..... | 48 |
| 3.1 O drama vivenciado pelos Joca Marquense..... | 50 |
| 3.2 Implicação das águas no ambiente familiar..... | 55 |
| 3.3 Ação do poder público na cidade de Joca Marques..... | 62 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 66 |
| REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS..... | 68 |
| ANEXOS..... | 73 |

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo central analisar os impactos das enchentes do Rio Parnaíba ocorridas entre os anos de 2008 e 2009 na cidade Joca Marques-PI e como interferiram no dia a dia da população especificamente nos bairros ribeirinhos, onde houve o maior número de atingidos.

O desejo de estudar sobre as questões ambientais e com a incidência das enchentes na minha cidade, percebi que era viável está trazendo essa discussão para o espaço acadêmico, pois, como se observa, os desastres ambientais são causados tanto pela própria natureza como pela interferência do homem. Como moro na cidade supracitada, percebo que o problema vem se intensificando. A região ribeirinha está praticamente desmatada, conseqüentemente o espaço natural foi gradativamente modificado pelo homem.

O recorte temporal se deu pelo fato de que, o problema ainda é notório na memória da população Joca Marquense. Com é um fato recente, 2008 e 2009, ainda existe os resquícios da real situação do problema. A análise se estende até o ano de 2010 pelo motivo da criação de um projeto habitacional feito pela iniciativa estadual. Tal projeto visa proteger a população que vive em área vulnerável às enchentes. Contudo, este projeto não beneficiou á todos.

Em minhas indagações acerca deste processo, procuro conhecer o espaço atingido; como a população local vivenciou essa catástrofe e as diferentes visões que a comunidade tem acerca deste problema. Porém, faz-se necessário destacar que as enchentes que atingiram a cidade de Joca Marques têm fatores específicos que são: as fortes chuvas, assoreamento das margens do rio e urbanização. Carlo E. M. Tucci (1997) relata que as enchentes constituem-se num importante impacto sobre a sociedade. Esses impactos podem ocorrer devidos à urbanização ou inundação natural da várzea ribeirinha.

Não raro, esses impactos causam outros problemas como o deslocamento das populações para outras áreas gerando o processo migratório não por opção, mas por necessidade. Ecléia Bosi (2012, p. 4) expõe que “a sobrevivência de um grupo se liga estreitamente a morfologia da cidade e essa ligação se desarticula quando a especulação urbana causa um grau intolerável de desenraizamento”. O desenraizamento das populações deve ser compreendido como um processo infringido pelo descolamento que a população faz durante a eventualidade do caso em discussão.

Para Masato Kobiyama (2006) esses desastres ambientais que tanto influenciam as atividades humanas vêm, historicamente, se intensificando devido ao mau gerenciamento das bacias hidrográficas, especialmente pela carência de planejamento urbano. Segundo Lutiane Queiroz de Almeida (2010), as mudanças ambientais no âmbito das cidades, resultados da interação de atividades humanas e dinâmica natural, constantemente produzem o avultamento da ocorrência de desastre naturais e tecnológico, que, por sua vez, contribuem no aumento das consequências sejam humanas ou materiais.

Portanto, as discussões sobre história ambiental são imprescindíveis nesta pesquisa, pois as enchentes também são eventos causados pela natureza. Para José Augusto Pádua (2010) natureza se apresenta como algo em constante (re)construção ao longo do tempo; distante da visão tradicional de uma realidade pronta e acabada que serviria de referencial estável para a agitação do viver humano.

Nesse sentido, para José Augusto Drummond (1991), a maneira mais provocativa de colocar o significado da história ambiental é considerar o fator tempo. O autor ainda coloca que a história ambiental é, portanto, um campo que sintetiza muitas contribuições e cujas práticas são inerentemente interdisciplinares. Pois sua originalidade está na sua disposição explícita de colocar a sociedade na natureza e no equilíbrio com que busca a interação, a influência mútua entre sociedade e natureza.

Ao analisar a história da população afetada pelas enchentes, percebe-se que é um mundo repleto de singularidades. E ao se aproximar do objeto de estudo, conheci as particularidades dos indivíduos, seu modo de viver com o drama das enchentes, a falta de conscientização das questões ambientais. Portanto a paisagem destruída está presente na memória de cada indivíduo, sendo assim, perante essa percepção Michel Pollak (1992) coloca que “a memória é um fenômeno construído social e individualmente”¹.

Compreender as alterações do cotidiano da população dos bairros afetados durante o período em análise fez com que mergulhássemos em suas identidades sociais. Pensando nisso, Pollak (1992) expõe que a memória é um elemento constituinte de sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

De modo geral, esta pesquisa é alicerçada na revisão bibliográfica utilizando teóricos que trabalham com a temática em questão - enchentes. Em relação à divulgação acerca das

¹ POLLAK, Michel. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.5, nº10, 1992, p.200-212.

manchetes dos jornais do Piauí, obtive acesso apenas ao *Jornal Cidade Verde* da cidade de Teresina. Acesso há alguns *Blogs* que traziam notícias do período, também utiliza a História Oral de vida.

No processo de construção desta pesquisa foram realizadas cinco entrevistas² que são importantíssimas para melhor entendimento da problemática em questão. Os critérios adotados para selecionar os colaboradores da pesquisa foram os que vivenciaram os dois anos de enchentes; e que possuíam uma relação direta com o rio. Assim, os sujeitos da pesquisa são, como já dito, indivíduos que possuem uma dependência do Rio Parnaíba para sua sobrevivência. O que fez com eles se fixassem nas margens do mesmo, ante do município ser emancipado.

Assim, a pesquisa foi construída e desenvolvida abordando os aspectos relacionados ao Rio Parnaíba no contexto do Piauí. Posteriormente chega-se ao objeto central do trabalho - é quando o trato das questões relacionadas às enchentes - verificou-se como o cotidiano de homens e mulheres foi alterado através de suas experiências. Em suas narrativas, relatam como vivenciaram o dia a dia da avaria, a saída de suas casas em busca de abrigos, as perdas materiais, as proliferações de doenças, a falta de investimento nas áreas vulneráveis, etc.

Para fins didáticos e organização, o presente trabalho está dividido em três capítulos contendo subdivisões: no primeiro capítulo o Rio Parnaíba é apresentado em nível de Piauí: sua formação, localização geográfica e a ocupação das suas margens com o surgimento das cidades. Além de sua importância para o desenvolvimento econômico do Estado que se deu principalmente com a transferência da capital para Teresina e a implantação da navegação a vapor.

No segundo capítulo há uma abordagem das enchentes, definido os conceitos acerca das enchentes nos ambientes urbanos. Problematizo as distinções entre as enchentes naturais e as causadas pela interferência do homem. A análise nesse tópico diz respeito às enchentes que ocorreram nos anos de 2008 e 2009 no Piauí de forma geral.

O terceiro capítulo se relaciona a temática das enchentes de Joca Marques. Há uma abordagem sobre como a população vivenciou tal período, bem como as suas causas. Descreve-se o cotidiano da população, mostrando suas experiências através do que eles

² As entrevistas foram realizadas com os moradores dos bairros afetados como à senhora Maria das Graças Lima Costa que é moradora da Avenida Beira Rio, tem uma relação direta com rio Parnaíba, pois como ela sobrevive agricultura de subsistência. Seu Sebastião de Oliveira Sousa é morador da Avenida Flanklin Marques, lavrador tem 48 anos, depende do rio principalmente por causa da criação da pecuária. Já seu Raimundo José de Sousa é pescador, tem 53 anos. O senhor Bernardo Claro dos Santos, lavrador, 66 anos. José Batista da costa, lavrador, 79 anos. Todas as entrevistas foram realizadas na casa dos colaboradores no mês de janeiro do corrente ano.

narraram durante as entrevistas; e por último uma análise da ação do poder público frente às enchentes, discorrendo sobre a postura adotada diante a situação.

1. O HOMEM E O RIO: A IMPORTÂNCIA DO RIO PARNAÍBA NO PIAUÍ

*(...) As águas do Parnaíba Rio abaixo, rio arriba
Espalham pelo sertão, E elevam pelas quebradas pelas
várzeas e chapadas Teu canto é exaltação³*

Historicamente, estudos sobre a relação entre homem e rio procura-se compreender os aspectos relevantes dessa integração, pondo em voga as questões como seu “espaço-social, a vida no entorno desse lugar e as transformações que se sucedem nesse espaço⁴”. Evidenciando, assim, os fatores sociais, culturais, materiais e/ou naturais que são modificados. Na historiografia brasileira os estudos sobre rios ganharam mais ênfase no final do século XX⁵, com o movimento de renovação historiográfico onde se verificou o surgimento de novos campos com problemáticas e temas que não tinha visibilidade até então na história.

E um destes campos que não possuía viabilidade era a Geo-história⁶. Até então era inviável fazer essa junção entre essas duas disciplinas. Entretanto, quando Braudel começou a divulgar suas pesquisas sobre o Mediterrâneo houve toda uma reavaliação da historiografia francesa da época. Pensando nessa problemática Peter Burke expõe que “todas as características geográficas têm a sua história, ou melhor, é parte da história, e que tanto a história dos acontecimentos quanto a história das tendências gerais não podem ser compreendidas sem elas” (BURKE, 1992, p. 34). Dito isso, é viável salientar que estudar um processo histórico de um rio é compreendê-lo numa dimensão social como um espaço de constantes transformações que caminha para o constructo da História Social e Ambiental.

No campo da historiografia piauiense, a percepção do espaço histórico do Rio Parnaíba é atribuída de significados que marcaram a história do Piauí, pois se compreende que este teve um fator marcante no desenvolvimento do estado no âmbito político, econômico,

³ Trecho extraído do Hino do Piauí. (Letra de Costa e Silva). Instituído pela Lei nº 1.078, de 18.07.1923.

⁴ SANTOS, Milton. Técnica Espaço do Tempo. São Paulo, 1994. p 08.

⁵ Com a chegada da Escola dos Annales no século XX, houve uma mudança no campo do fazer historiográfico, pondo em evidência novas percepções acerca dos temas que antes não tinham visibilidade no campo da história, principalmente com a terceira geração que trouxe a tona o campo das mentalidades (BURKE, 1992).

⁶ Burke citando Braudel define como uma espécie de geografia histórica, ou, como Braudel preferia denominar, uma “geo-história” (BURKE, 1992, p. 34).

cultural ou social. Partindo desses fatores, pressupõe-se que a história do Piauí foi condicionada pela pecuária e pelo extrativismo vegetal que tinham como suporte as águas do Parnaíba, e que através do mesmo, o Estado alcançou destaque no cenário nacional e mundial.

Ao longo dessa narrativa serão abordadas questões referentes ao processo histórico do Estado verificando sua relação com o rio, buscando fazer um paralelo de como se deu o surgimento da cidade e população de Joca Marques em suas margens. Uma discursão sobre cidade nesse capítulo é pertinente para se averiguar como esse rio estava associado aos modos de vida dessa população ribeirinha. Ainda se referido ao processo de urbanização da cidade nas margens do rio entende-se que há alteração no seu ciclo natural. Pondo em risco a sobrevivência dos seres que ali se fixaram.

No entanto, a modificação do ambiente trouxe consequência para a população local e uma dessas consequências foi às enchentes ocorridas nos anos de 2008 e 2009. Haja vista que as mudanças se refletiram até 2010 quando elaborado um projeto destinado à população, como intuito de desocupar as áreas mais suscetíveis as enchentes, assim havendo uma mudança no cotidiano das pessoas.

Sendo assim, o capítulo tem como objetivo apresentar o Rio Parnaíba e sua importância para o Piauí. Visando analisar o processo histórico-geográfico do rio e apontar a sua contribuição para o desenvolvimento econômico social do Estado. É abordado ainda o processo de formação da cidade, pondo em discussão os aspectos que levaram a sua constituição nas margens do rio.

1.1 Águas que nos banham: o Rio Parnaíba e a colonização do Piauí

O Estado do Piauí é quase todo banhado pelo rio Parnaíba que nasce na chapada das Mangabeiras, fronteira do Piauí com o Estado de Tocantins numa atitude de 790 metros. Seu curso divide o Piauí do Maranhão servindo, portanto, de limite natural entre os dois estados. Após percorrer cerca de 1.450 km, desemboca no oceano Atlântico formando um fenômeno natural ímpar chamado de Delta. O Rio Parnaíba é um dos maiores da região Nordeste ficando atrás somente do Rio São Francisco em extensão⁷.

A paisagem geográfica do rio é dotada de singularidades e representações. Significados históricos que marcaram a vida do povo piauiense desde a colonização aos dias

⁷ Ministério dos Transportes. Disponível em : <http://www.ministeriodostransportes.gov.br>. Acessado em 04 de Abril de 2015.

atuais. Neste sentido, é preciso ter flexibilidade para evidenciar os laços entre o passado e presente, as relações sociais, políticas, econômicas e históricas. Gercinair Silvério Gandara (2008) ao mencionar os espaços geográficos descreve-o:

[...] O espaço geográfico do rio Parnaíba-cujas atribuições históricas impregnam-se de funções e sentido- trata-se de um espaço social contínuo de materialidades refinadas, portadora de infinitas plasticidades e representações. E essa é a dimensão que aqui importa ser discutida para evidenciar sua multiplicidade de sentido. Sabemos antemão, que o rio é um fator marcante na vida de inúmeras gerações piauiense e maranhense, inclusive, na vida de poetas, cronistas, romancistas e músicos (GANDARA, 2008, p. 38).

Entendemos que para compreender o processo histórico-geográfico do rio, cujas atribuições são marcantes, convém nos apropriarmos da sua sensibilidade para fazermos as conexões com sua história. Para Antônio Cândido (2010) a existência de todo grupo social pressupõe a obtenção de um equilíbrio relativo entre suas necessidades e os recursos do meio físico, requerendo da parte do grupo, soluções mais ou menos adequadas e completas, das quais depende a eficácia e a natureza do equilíbrio.

O geógrafo Milton Santos (2006, p.57), discorre “o espaço geográfico deve ser considerado como algo que participa igualmente da condição do social e do físico, um misto, um híbrido”. Todo rio é empreendido de uma história assim como Nilo no Egito, Tigre e Eufrates na Mesopotâmia, Ganges na Índia entre outros. Em nosso caso, o Parnaíba é o precursor da imigração, durante o período colonial e depois da colonização do Estado. Servindo de apoio para os desbravadores da capitania do Maranhão e Ceará. O velho Monge⁸, assim chamados por alguns escritores piauienses tem história, pois as relações sociais que se estabeleceram em seu entorno pelos grupos populacionais que o habitaram, ou melhor, habitam refletem a trajetória histórica deste rio.

O Rio Parnaíba está presente na vida dos piauienses antes da colonização do Estado no século XVII. Parafrazeando Odilon Nunes (2007) quando relata que os índios Tremembés, os Aroás, os Cupinharões, os Tabajaras e Amoipiras foram povoadores da bacia do Parnaíba. Percebe-se que o rio é um fator marcante no processo histórico de construção do estado, pois desde a colonização que se deu do interior para o litoral ele marcou a trajetória dos colonizadores, servindo como ponto de estratégia para os desbravadores da capitania do Piauí. Seguindo o pensamento de Nunes quando pressupõe que:

⁸ Cabe mencionar que o rio Parnaíba já teve diversas denominações, o mesmo já foi chamado de Punaré, Paragua Assu, Piaguí, rio das Garças entre outros nome até chegar em uma única denominação. Mas na cidade de Joca Marques sempre o chamaram de rio Parnaíba nos documentos em que pesquisei.

Como consequência de sua bacia hidrográfica, o Piauí sempre foi um corredor de imigrações. Os flagelos das secas, tocados pela fome, também testemunham a peculiaridade. É a bacia do Parnaíba passagem obrigatória dos retirantes, porque está situada entre terras castigadas do Nordeste e as frescas e ubérrimas terras do Maranhão (NUNES, 2007, p. 55).

A bacia hidrográfica do Parnaíba consiste no conjunto de todos os recursos hídricos convergindo para a área banhada pelo Rio Parnaíba e seus afluentes. Esta é uma das doze regiões hidrográficas do território brasileiro. Tal conjunto estende-se pelos estados do Piauí, Maranhão e trechos do estado do Ceará e seu bioma varia da caatinga, passando a floresta tropical, terminando na área de vegetação litorânea.



Figura 01- Em destaque o curso da Bacia Rio Parnaíba

Fonte:

WWW.htt/ONordeste.com%20%20Enciclopédia%20Nordeste%20%20Rio%20Parnaíba,%20Maranhão%20Piauí.html. Acessado em 02 de junho 2015.

Ao observar o mapa acima podemos ver as confluências da bacia do Rio Parnaíba: a bacia do Alto Parnaíba estende-se da foz do rio até a foz do rio Gurgueia (na cidade de Jerumenha); a bacia do Médio Parnaíba tem como confluência o rio Gurgueia até o encontro com o rio Poti (na cidade de Teresina); enquanto que o curso da bacia do Baixo Parnaíba estende-se na foz do Rio Poti até desembocar na foz do Parnaíba no oceano Atlântico. É nesta bacia que se concentrava a rota fluvial. Por onde o Piauí em meados do século XIX conseguiu

sua introdução no cenário nacional e internacional com a comercialização dos produtos advindo da pecuária e do extrativismo vegetal.

Portanto, como aponta Vicente Eudes Lemos Alves (2003, p. 65) é “evidente que curso das águas torna-se a referência para a fixação do homem na terra no Piauí; pois era nas proximidades deles que se instalaram os sítios, as fazendas de gado e a maioria das aglomerações urbanas”. É pertinente associar como o curso das águas deu uma contribuição significativa para a vida dos piauienses tanto nos aspectos econômicos e sociais. Referindo-se a importância da água na condução do povoamento dos sertões nordestinos, diz Caio Prado Jr (1985, p. 57-58):

[...] Os fatores naturais, em particular a ocorrência da água, tão preciosa neste território semiárido, têm aí um papel relevante. É, sobretudo na margem dos poucos rios perenes que se condensa a vida humana. No São Francisco, nos rios do Piauí, e do alto Maranhão. Intercalam estas regiões mais favorecidas extensos desertos a que somente as vias de comunicação emprestam alguma vida. [...] As ‘cacimbas’ (poços d’água) congregam quase todo o resto do povoamento; assim, onde o lençol de águas subterrâneas é mais permanente e resiste mais às secas prolongadas, bem como onde ele é mais acessível aos processos rudimentares de que dispõe a primitiva e miserável população local, o povoamento se adensa. “Olho d’água” é uma designação que aparece frequentemente na toponímia do interior nordestino: a atração do líquido é evidente.

Entendemos que a colonização do Piauí, que ocorreu na segunda metade do século XVII, como aponta Alves (2003) se iniciou pela costa leste e sul do território, pelas margens dos rios Piauí, Canindé, Paraim e Gurguéia e que não demorou muito para a atividade criatória atingir também o Parnaíba, ultrapassando rapidamente para o lado ocidental de sua bacia, já em território maranhense. Neste sentido, presume-se que quão importância tem os rios na formação do território piauiense como um todo. Porque como podemos perceber tanto na região sul como na norte eles tiveram uma contribuição. Conforme Prado Junior (1985) quando relata que:

A aspereza do clima também não era favorável ao progresso dos rebanhos; verdadeiras hecatombes pelas secas prolongadas. Há, no entanto, a este respeito, zonas privilegiadas, como as margens de São Francisco, do Parnaíba e seus afluentes, e outros rios de águas perenes, exceções raras nesta vasta região e que garantem pelo menos aquele elemento indispensável às populações locais e fazendas ribeirinhas (PRADO JR. 1985. p. 56).

O pensamento acima reforça a ideia sobre o início da colonização do Estado, pois com empreendimento das bandeiras em busca do aprisionamento dos índios e a concessão de sesmarias para implantação dos primeiros currais. Alves (2003) discorre:

O grupo dos Mafrense e o dos Ávila foram os primeiros a serem outorgados com títulos de terras no Piauí, propriedades que, se somadas as suas extensões, correspondiam à quase totalidade daquele território. Esses grupos passaram, desde então, a empreender em suas possessões uma administração com extremo autoritarismo; poucos eram aqueles que ousavam a desafiar o poder de tais famílias em seus respectivos domínios (ALVES, 2003. p. 6).

Percebemos que o sistema vigente no final do século XVII e início do século XVIII, com o processo de povoamento do sertão nordestino, que se situava principalmente nas margens dos rios perenes, pois a maioria dos rios nordestinos passa por um processo de estiagem durante o polígono da seca - que é o período compreendido entre os meses de julho a dezembro, exceto o rio São Francisco e Parnaíba. A imponência do Rio Parnaíba nessa conjuntura de formação requer uma visibilidade maior, pois esteve ligado diretamente com o todo que se aglomerava em suas margens.

Conforme Gandara (2008) “é assim correndo que dar a vida, se personifica, e humanamente se diviniza, a vida se espelha nas suas águas e beiras, segue-se o rio adoçando suas formas encantadoras” (GANDARA, 2008. p. 16). A autora ainda relata que é essa a dimensão que aqui importa ser discutida para evidenciar sua multiplicidade de sentidos. Sabemos, de antemão, que o Rio Parnaíba é um marcante na vida de inúmeras gerações piauienses e de maranhenses, inclusive, na vida de poetas, cronistas, romancistas músicos etc. (GANDARA, 2008). Sob este ponto vista rio é um lugar impregnado de significados. É nítido a influencia que o mesmo tem na formação do Estado, sendo ele um corredor de imigração, ou sendo propriamente habitado pelos nativos.

O Rio Parnaíba é um espaço social vivido que modificou o cotidiano da população do Piauí. Renato Castelo Branco (1980, p. 110) afirma “O rio Parnaíba, tanto geográfica como social e economicamente, foi o modelador da vida piauiense”. Partido dessa premissa verifica-se quão importante tal rio é para o nosso processo histórico. Entendemos, portanto, que as suas representações marcaram um momento de preciosidade na vida da população piauiense.

1.2 O Rio e Desenvolvimento Econômico do Piauí

Raimundo Nonato Monteiro Santana (2001) descreve que os ciclos econômicos do Estado têm vigências na agricultura de subsistência como a criação do gado, pequena lavouras, o cultivo do algodão, o ciclo da maniçoba, o coco babaçu, a cera da carnaúba. Com

o desenvolvimento destas atividades, destacamos o Rio Parnaíba como força motriz para esse crescimento econômico, pois era através deste que as mercadorias navegavam para serem comercializadas tanto no mercado nacional como internacional (SANTANA, 2001). Podemos, assim, dizer que o rio era um espaço social vivido no contexto das transformações econômicas e sociais do Piauí.

Então, o sistema econômico do Piauí foi desenvolvido tardiamente, ficando a cargo de início a serviço da pecuária, imposta com o processo de colonização devido ao Estado situa-se em uma zona de pouca produtividade agrícola. Pois os solos do sertão nordestinos não eram prósperos para as atividades com menores densidades demográficas. Assim, preconiza que com a introdução na pecuária no século XVII e XVIII no Estado. Logo se tem a primeira atividade econômica.

Em paralelo a crise da pecuária, desponta uma nova atividade econômica para amenizar os efeitos da crise - o extrativismo vegetal. Este talvez tenha sido o mais importante, por que muitas das atividades econômicas eram retiradas das margens do rio. E um dos primeiros produtos a serem cultivados pelo Estado e que, conseqüentemente, assume caráter exportador foi o algodão. Erasmo Carlos Amorim Moraes (2012 apud MENDES, 1995) afirma:

O crescimento da produção de algodão ocorreu sob o estímulo de dois fatores externos: primeiro, o desenvolvimento tecnológico da Revolução Industrial, na Inglaterra, a partir da segunda metade do século XVIII, especificamente a invenção do tear mecânico (1787), que provocou o aumento da demanda da fibra pelas indústrias europeias; segundo, a guerra civil americana (1861/1865), que desorganizou a produção de algodão nos Estados do sul daquele país.

Mesmo com o crescimento da produção do algodão, o Estado permanece inerte - em relação aos outras unidades federativas que estavam se modernizando - ainda reproduzindo a economia de subsistência. Santana (2001) ao discorrer sobre a produção de algodão relata que:

Em 1846, a província já produzia bastante algodão, exportando-o para o estrangeiro. A partir de 1815, as exportações foram crescendo de modo que em 1851, eram bastante avultadas. Na vila do Poti construíam barcos para conduzir o produto pelo Parnaíba, pois a Casa Inglesa comprava-o pelo mesmo preço do Maranhão. [...] Era considerada, nesse período a única cultura de importância e o principal ramo da agricultura (SANTANA, 2001, p.88).

É pertinente mencionar que com a inserção desse produto no mercado, trouxe para o Piauí destaque no cenário nacional. Nesse período, ocupou o segundo lugar na formação da receita entre os anos de 1850 e 1870, como produto de exportação. Essa nova conjuntura que iniciou com a produção algodoeira irá ganhar mais visibilidade na segunda metade do século XIX, com sua introdução no cenário das indústrias internacionais.

Com a passagem do século XIX para o século XX, são nítidas as mudanças que ocorreram na economia piauiense. Principalmente com a forte demanda dos produtos do extrativismo vegetal. A partir das primeiras décadas do século XX, de acordo com Josenias dos Santos Silva (2015) com a exploração dos produtos de origem vegetal, a economia piauiense emerge em um novo contexto econômico marcado, desta vez, pela maior participação na dinâmica do ‘mercado internacional e pela efetiva transformação do viés produtivo do Estado’⁹. Nesse contexto, o Piauí se desliga da pecuária de subsistência e se configura como exportador do extrativismo.

Porém, fatores como as longas distâncias ainda era um entrave na consolidação do poder econômico do Estado, a capital Oeiras se situava em uma zona muito distante para realização do comércio, que nesse momento dependia muito do Maranhão como principal comprador. É neste sentido que teóricos com Luis Mott (2010), Castelo Branco (1980), Nunes (2007), Queiroz (1994), Gandara (2008), Santana (2001) em seus trabalhos mostram que nos finais séculos XIX e nas primeiras décadas do século XX, o elo de integração para que o desenvolvimento econômico do Estado realmente acontecesse seria através da rota fluvial do Rio Parnaíba.

E um dos fatores fundamentais foi à transferência da capital para Vila do Poti (atual Teresina). Convenhamos dizer que tal ocorrido foi significativo para história sociopolítica e econômica. Provocou transformações sociais e espaciais no Estado como um todo, uma vez que mudou o eixo das relações sociais e econômicas situadas no interior e no sul para o norte a beira-rio Parnaíba.

“Integrar” passou a ser então a palavra de ordem quando se pensou na reestruturação produtiva da Província diante das condições econômicas, geográficas e sociais até aquele momento. Assim, de acordo Silva (2015):

O Rio Parnaíba passou então a significar uma porta de entrada para o comércio e para os contatos do Piauí com o próprio Piauí e com outras regiões do país. Logo se contabilizavam inúmeras empresas de navegação atuando no trabalho de transporte

⁹ SILVA, Josenias dos Santos. ALMANACK DA PARNAHIBA. Nos Tempo dos Bons Ventos Fluviais. Teresina. ISBN: 978-85-98711-10-2. p. 2. Acessado em 05 de Maio de 2015.

de passageiros e produtos de outras Províncias brasileiras e até do exterior. Muitos são os registros que dão conta deste acentuado movimento em torno do rio Parnaíba¹⁰

Indubitavelmente o fato da transferência e a implantação da navegação a vapor nas águas parnaibanas foram essenciais para impulsionar a economia piauiense. No processo de reestruturação da economia piauiense três produtos foram fundamentais: a maniçoba, a cera de carnaúba e babaçu. A maniçoba foi o primeiro produto comercializado em larga escala no Piauí. Acrescentando sobre o ciclo da maniçoba, Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz em sua dissertação discorre:

A exploração das maniçobas para a produção láctea tornou-se economicamente viável com os altos preços internacionais da borracha, na segunda metade do século XIX e início do XX, impulsionados pela demanda dos países industrializados, sobretudo a Inglaterra, que constituía o principal centro comprador e distribuidor dessa matéria-prima. [...] No Piauí, além da divulgação mais ou, menos sistemático dos maniçobais descobertos, a população era incentivada no sentido de abrir novas áreas de maniçobas e, sobretudo, para realizar o seu cultivo. O incentivo a produção partia, às vezes, das próprias empresas comerciais interessadas na compra da borracha (QUEIROZ, 1994, p. 29-35).

A introdução da maniçoba no cenário nacional e internacional foi um atrativo para economia piauiense que passava por um retrocesso e com o declínio da pecuária. Ainda seguindo o pensamento da autora a “economia da borracha de maniçoba no Piauí, inserida num quadro extrativo-exportador, teve suas tendências de produção e exportação determinadas pelo preço internacional do produto ou (...) pela demanda externa” (QUEIROZ, 1994, p. 14). Nesse contexto, percebemos que com exportação desse produto que era cultivado em quase todo o estado, houve um progresso no sistema econômico.

O seguinte produto que contribuiu na reorganização da economia do Estado na segunda metade do século XX, advindo também do extrativo vegetal, foi à cera de carnaúba que desponta como produto comercializável no mercado internacional no final da década de 1930 até meados da década de 1940. Conforme José Luís Lopes Araújo (2008):

Desde o início do século, principalmente a partir da segunda década, a extração da cera de carnaúba constitui-se numa das atividades econômicas que respondia por boa parcela da economia piauiense. Sendo produto regular de exportação, gerava uma renda monetária para boa parcela da população. Atividade que não requeria, maiores preparos de mão-de-obra, a vasta população rural encontrava em tal atividade um meio suplementar de sobrevivência, pois e proporcionava mais algum ganho monetário com que adquiria bens para satisfação de suas “poucas” necessidades.

¹⁰ SILVA, Josenias dos Santos. ALMANACK DA PARNAHYBA. Nos Tempos dos Bons Ventos Fluviais. Teresina. ISBN: 978-85-99711-10-2. p. 3. Acessado em 05 de Maio de 2015.

Assim vivia a maior parte da população piauiense. Praticando uma agricultura de subsistência, naturalmente com baixos rendimentos, o que a condicionava a viver em situação de simples sobrevivência, situação essa que tenderia a se modificar a partir da década de 1930 com a valorização da cera de carnaúba (ARAÚJO, 2008, p. 189-205).

O terceiro produto de maior exportação desse período foi à amêndoa do babaçu. Em relação a sua contribuição para o desenvolvimento econômico temos:

As exportações de babaçu, produto cujo primeiro grande comprador foi a Alemanha, tiveram início em 1911. Porém ao contrário da cera de carnaúba que registrou aumento das exportações durante a Primeira Guerra, é precisamente depois do conflito que as oleginosas vão afirmar sua cotação no mercado internacional. Os compradores se multiplicam, e o segundo produtor brasileiro de babaçu, que o Piauí, passa a fornecer para a Holanda, Portugal, Dinamarca, França e Estados Unidos¹¹.

Diante do exposto, economia piauiense, em seu apogeu, foi condicionada pelos produtos extrativistas. Cabe notar que essa onda progressista que o Estado vivenciou foi dimensionada pela abertura da rota fluvial do Rio Parnaíba. Neste sentido, faz-se mister colocar em evidência os fatores que suplantaram a economia: transferência da capital para Teresina e a implantação da navegação a vapor.

Na desenvoltura do século XIX, o Estado passou por mudanças significativas. E uma dessas mudanças que foi essencial é a transferência da capital de Oeiras para Vila do Poti (atual Teresina), transferência essa, que aconteceu mais precisamente no ano de 1852, trazendo assim progresso para Estado. A modernidade para os grupos políticos e econômicos era entendida como desejo de incluir o Estado no processo de expansão do sistema capitalista (industrialização, urbanização, comunicação e mudanças na estrutura ocupacional etc.) que se fazia notar em outras regiões do Brasil.

Tais mudanças só poderiam acontecer se houvesse uma interligação entre todas as freguesias do Piauí. O processo de transferência da capital foi resultado de uma junta governamentalista que acreditavam na inserção econômica, política e social do Estado. Ainda contextualizando esse período, onde as motivações acerca da mudança da capital são necessárias para fundamentar a importância do principal elo de integração: a implantação da navegação a vapor nas águas parnaibana.

A introdução na navegação nas águas parnaibanas se deu no século XIX, no entanto, seu auge aconteceu no início do século XX. O Rio Parnaíba enquanto estrada líquida e fluída

¹¹ MORAIS, Erasmo Carlos Amorim. MEMÓRIAS DO CAIS. Parnaíba, a cidade, o rio e a prostituição (1940-1960). Dissertação (Mestrado em História do Brasil).

encurta as distâncias entre as províncias do sul e do norte contribuindo para desenvolvimento do Estado. Assim, pulveriza-se uma nova realidade no Piauí. Assim nos retrata Gandara (2008, p.152) em:

Decorrer dos anos, porém se fazia estimular a navegação a vapor no leito do rio Parnaíba que se apresentava como única solução para os problemas das comunicações e de expansão comercial piauiense. Assim sendo a implantação a vapor e os meios para tal era as bases comuns de um movimento regionalista que entendo ser o eixo da economia piauiense.

Sabemos que com o estabelecimento da navegação no rio, o Piauí entrou em outro patamar desenvolvimentista. Parafraseando Gandara (2008), podemos afirmar que foi a navegação a vapor no Rio Parnaíba a partir da segunda metade do século XIX que transformou a ordem das coisas dando a sociedade piauiense liberdade de movimento. Diluiu o imperativo da limitação das relações espaciais impostas até então pela circulação pedestre e pela tração animal. Foi a partir deste período que o Rio Parnaíba, como estrada líquida, desempenhou seu papel essencial de integrador das regiões interioranas com os demais centros e desempenhou sua função de via líquida de circulação de riqueza¹².

Quanto às potencialidades do rio em ter promovido em suas águas abertura para o comércio em larga escala, principalmente, com os produtos extrativistas é perceptível tamanha foi sua importância para o Estado. As suas confluências como expõe Nunes: “são emblemáticas, pois marcaram, ou melhor, marca a vida do povo piauiense” (NUNES, 2007. p. 99).

Pensando nesta problemática da utilidade do rio para os produtos vegetais, compreende-se que esta atividade deu-se, sobretudo, por causa dos vales úmidos da região norte do Estado. Além disso, homens e mulheres se relacionam com a água deste rio de forma diferente. Enquanto os primeiros foram vaqueiros que levam o gado para beber no rio, pescadores, agricultores e tiram sua renda em trabalhos fluviais; as mulheres e crianças tem um contato mais direto como usufruindo para banhar, para o uso doméstico.

1.3 O processo de urbanização das cidades nas margens dos rios

Historicamente, o processo de urbanização do Brasil começou no século XI quando os portugueses se estabeleceram no litoral, para que em décadas a mais tarde alcançasse os rios.

¹² GANDARA, Gercinair Silvério. *Rio Paraníba, cidades-beiras: (1850-1950)*. Teresina: EDUFPI, 2008. p. 209. Tese de Doutorado.

Essa utilização deu-se principalmente na época das bandeiras, onde os bandeirantes começaram a desbravar o interior da colônia em busca de mercadorias e no aprisionamento de índios. Dessa forma, tem-se o começo da fixação dos povoados às margens dos rios. Portanto processo de ocupação das margens dos rios brasileiros foi de caráter exploratório e que ainda permanece nos dias atuais.

Conforme Almeida (2010), a história da ocupação, modificação e degradação dos rios no âmbito das paisagens urbanas são relativamente recentes, levando em consideração o fato de que a história humana na Terra tem pelos ao menos dois milhões de anos e o processo de urbanização em escala planetária da Primeira Revolução Industrial cerca de 150 a 200 anos. O tema tomou, porém, relevância depois que a população começou a se concentrar nas cidades¹³.

Sobre a ocupação das cidades, Ana Fani Alessandri Carlos (2007) discorre a respeito da análise do urbano também revela a relação espaço – tempo; um tempo restrito ao tempo produtivo, em que os ritmos envolvidos pela racionalidade do trabalho se estabelecem em uma prática espacial que revela o espaço opressivo/repressivo¹⁴. Diante do exposto, percebemos que os rios urbanos marcam o cotidiano das populações sejam elas ribeirinhas ou não. Sendo que esta forma de urbanização causa impactos degradantes ao ambiente natural.

Para Marcos Machado de Albuquerque (2012) o intenso processo de urbanização tem interferido de forma marcante nas condições ambientais, promovendo a substituição de valores e estruturas naturais por equipamentos urbanos. Isto gerou consequências impactantes das mais variadas formas de poluição, causando crises ambientais nos mais diferenciados ecossistemas, alterando a qualidade de vida do planeta Terra.

É neste sentido que o processo de urbanização das cidades empreendido no Piauí, início do século XX, contém desvantagens principalmente por algumas dessas cidades ficarem situadas às margens do rio, ocasionando prejuízos ambientais devidos às cidades não serem bem planejadas, a falta de saneamento sanitário, infraestrutura precaríssima e todos os dejetos que são jogados no rio Parnaíba. Segundo a SEMAR (1993) a implantação das

¹³ ALMEIDA, Lutiane Queiroz de. Vulnerabilidades socioambientais de rios urbanos: bacia hidrográfica do Maranguapinho, região metropolitana de Fortaleza- CE. Rio Claro-São Paulo, 2010. 278 f. p.71. Tese de Doutorado. Acessado em 08 de Abril de 2015.

¹⁴ CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. São Paulo: Labour Edições, 2007. p 29.

idades nas proximidades dos rios piauienses traz vários prejuízos ao meio ambiente, como poluição, desmatamento e erosão dos rios¹⁵.

Assim, com os surgimentos das cidades há uma mudança no sistema, de acordo com Albuquerque “construção e a configuração de aglomerados humanos ocorrem através da modificação ou alteração da natureza: terra, ar, água, flora e fauna” (ALBURQUERQUE, 2012, p. 19). O resultado dessas alterações é um ambiente novo e construído que novamente combina o social com os padrões naturais sob alta centralidade e densidade, configurando um ambiente urbano.

De acordo com Carlos (2007), nesse contexto, o desenvolvimento do processo de reprodução da sociedade produz concomitante às novas formas de relação sociais, um novo espaço e uma nova relação entre este e a sociedade através das transformações nos modos de apropriação do espaço – passíveis de serem lidas nas mudanças dos usos e sentidos dos lugares de realização da vida. A aceitação das novas condições de existência a partir da constituição de uma rotina altamente organizada da vida transforma radicalmente a sociabilidade, empobrecendo as relações sociais na medida em que as relações entre as pessoas passam a ser substituídas por relações mediadas pela mercadoria. “Tal situação coloca-nos diante de redefinições importantes na articulação entre o lugar da realização da vida – da identidade criada entre as pessoas no lugar – e do cotidiano onde a vida ganha dimensão real” (CARLOS, 2007, p.43).

Para Sandra Jatahy Pesavento (2007) a cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do ‘habitar’, e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do ‘humano’: cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais.

Ainda citando Pesavento (2005) quando coloca que o habitar uma cidade, viver em espaço urbano é, forçosamente, dotá-la de condições para que nela se exerça a vida para além do tempo do agora, do cotidiano, da existência. O presente da cidade, tempo da vida, é um

¹⁵ Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Piauí, órgão responsável por gerenciar os recursos hídricos do Estado. Disponível em: <http://www.semar.pi.gov.br/missao.php> Acessado em 06 de julho de 2016.

momento no espaço onde se reabilita o passado da *urbe*, material e imaterial, para que nela as pessoas se reconheçam e identifiquem, ancorando suas referências de memória e história.

No caso do Piauí, a situação acima descrita é profundamente marcante por que temos vários rios que serviram de entreposto para o surgimento de várias cidades piauiense. De acordo com Gandara (2008), “as cidades foram surgindo ao longo do rio onde a sublime paisagem sonhada se desfaz em voos, de sombra que perpassam, vertiginosamente, por meio de uma mistura movediça de coisas que se confundem e combinam em aspectos incoerentes” (GANDARA, 2008. p. 220). É perceptível a importância do rio no processo de formação destas cidades. Por conseguinte, para uma melhor compreensão faz-se necessário pontuar sobre como se deram o processo de formação das primeiras cidades ribeirinhas do Estado.

Os principais núcleos de povoamento que se tornaram cidades-beiras no século XIX foram Amarantes e Jerumenha antes mesmo da transferência da capital. Depois da mudança de capital, surgiu uma gama de cidades nas margens do rio Parnaíba, como União no ano de 1853, Luzilândia em 1890, ainda no mesmo ano surgiu às cidades de Buriti dos Lopes e Floriano. Palmeirais teve seu núcleo de povoamento nas margens do rio por volta de 1894. Ainda se referindo as cidades temos Miguel Alves que surge em 1911, Porto em 1920 e Matias Olímpio em 1925. No ano de 1929 surge a cidade de Guadalupe¹⁶.

Em meados do XX surgiram às cidades de Antônio Almeida e Joaquim Pires entre outras. Porém, existia uma cidade que se formou nas margens do Igaráu um dos afluentes do Rio Parnaíba, que leva o nome do rio. A cidade de Parnaíba teve relevância para com o Estado seja no aspecto econômico, social e cultural. Inúmeras são as cidades que margeiam nosso rio e são denominadas de cidades-beiras¹⁷. Partindo dessa premissa, pontuarei nesse segundo momento o processo de formação da cidade de Joca Marques que foi emancipada no ano de 1995 desmembrada do Município de Luzilândia. Portanto nesse momento atendo a contextualização da importância do rio Parnaíba para o surgimento da cidade ribeirinha de Joca Marques.

1.3.1 A Cidade e o rio: formação de Joca Marques

¹⁶ Dados o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas: IBGE. Disponível em : <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=220777>. Acessado em 06 de junho de 2015.

¹⁷ Sabe-se que foi o rio Parnaíba que propiciou a povoação em suas beiras, portanto as cidades que lhe margeiam são cidades-beiras por excelência (GANDARA, 2008, p.17). Luzilândia, União, Floriano, e Parnaíba, são cidades beiras que por muito tempo interagiram entre si como entrepostos comercias provocando intercâmbios culturais muito significativos do ponto de vista da integração cultural do Estado.

Na figura abaixo esta em destaque a localização da cidade de Joca Marques no mapa da Piauí. Para que possamos contextualizar os aspectos relacionados à formação da referida cidade.

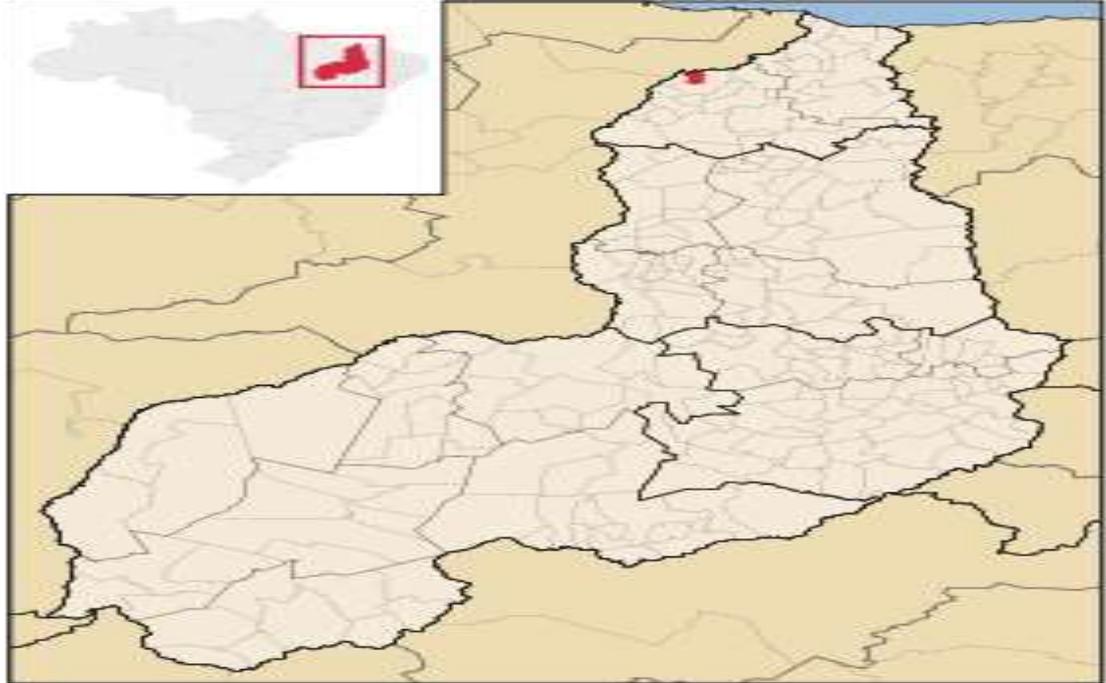


FIGURA 02: Localização da cidade de Joca Marques no mapa do Piauí.
Fonte: Prefeitura Municipal de Joca Marques. Acessado em 06 de julho de 2015

A cidade de Joca Marques está localizada ao norte do Estado do Piauí, aproximadamente 230 km da atual capital do Estado - Teresina. Está inserida em uma região banhada pelo Rio Parnaíba, tendo como limite ao norte o estado do Maranhão, ao sul e leste a cidade de Luzilândia e oeste a cidade de Madeiro. O município de Joca Marques foi emancipado através da Lei Estadual nº 4.810, de 14 de dezembro de 1995, tendo seu território formado a partir do município matriz de Luzilândia. Instalado em 1º de janeiro de 1997 com a posse do primeiro prefeito eleito¹⁸.

Na realidade, a denominação toponímica atual constitui uma saudosa homenagem a um dos grandes nomes da política local, ex-prefeito de Luzilândia, o senhor João de Assis Marques (vulgo, Joca Marques). Seu passado remonta à pequena formação populacional antes denominada de Mocambinho. Formada, gradativamente, a partir da primeira metade do século XX (mais precisamente entre 1920 e 1930).

Esse pequeno núcleo atraiu grupos migratórios, advindos de diversas áreas do nordeste que encontravam na região condições de subsistência adequadas e propícias para a

¹⁸ Dados da prefeitura Municipal de Joca Marques. Acessado em 06 de junho de 2015.

manutenção de suas famílias. Por situar-se às margens do rio Parnaíba - o segundo maior rio do nordeste - deu margem ao aumento gradual de sua população, que com a prática agrícola e a pecuária ajudaram a dinamizar a economia frágil da região (JOCA MARQUES, 2015).

É um pequeno e promissor município localizado na região do baixo Parnaíba piauiense. Imersa num espaço onde a predominância de árvores palmáceas como o tucum, a carnaúba, e a palmeira e, ao mesmo tempo, contornada ao norte pelo rio Parnaíba, teve em seu percurso histórico uma economia que tem como base principal economia de subsistência, a criação de gado.

A história de Joca Marques tem desde os seus primeiros capítulos a presença marcante do rio Parnaíba, servindo de mola propulsora das possibilidades de existência, banhando tanto os corpos dos ribeirinhos como a agricultura, a lavoura e a pecuária da região. Percebemos que o processo de urbanização da cidade tem favorecido um agravante no curso do rio, pois devido ao mau uso das margens esta acarretando uma série de problemas, como desmatamento, destruindo as margens.

A importância e apropriação das margens do rio para formação desta cidade, pois mesmo antes da emancipação o rio tinha, ou melhor, tem interferência da vida social da população ribeirinha. Quando falo de apropriação, refiro ao uso que a população faz do rio seja para retirar seu sustento (através da pesca, plantações de feijão, arroz, melancia entre outros produtos agrícolas) ou para contemplar sua beleza natural¹⁹.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), no último censo demográfico realizado em 2010, Joca Marques contava com uma população de 5.100 indivíduos, distribuído na zona urbana e rural, compreendendo uma área territorial de 166, 443 km². A maior parte da população sobrevive das atividades agrícolas de subsistência, como a cidade não possui um desenvolvimento avançado. Convém frisar que neste censo aparecem questões relacionadas ao índice de pobreza do município que fica entorno de 80% da população. Enquanto aos índices educacionais são bons no Ensino Fundamental, mas no Ensino Médio é alarmante.

Com relação aos aspectos políticos da cidade, constato que desde sua emancipação em 1995 até os dias atuais apenas um grupo se manteve no poder, grupo este pertencente à família Marques. Portanto, compreendo a política local é fragilizada pelo tradicionalismo,

¹⁹ Todas as informações sobre a cidade de Joca Marques foram a mim cedidas pela Senhora Gardênia Maria Lopes, que responsável pelo departamento de dados sobre a referida cidade. Foi quando tive acesso ao regimento interno da cidade no dia 06 de junho de 2015.

onde apenas um grupo se sobressai vitorioso em detrimento dos demais, utilizando barganha eleitoral.

De acordo com o IBGE (2010), os aspectos econômicos são baixíssimos, tanto que a cidade tem um dos Índices de Desenvolvimento Humano menor do Estado. Grande parte da população é dependente dos programas sociais do Governo Federal. A pouca economia advém principalmente da pecuária, agricultura e da silvicultura que está se desenvolvendo aos poucos.

Segundo o IBGE (2010) sistema cultural de Joca Marques ainda possui traços tradicionais de cidades interioranas. A maior manifestação cultural da cidade é a Vaquejada da Amizade que geralmente acontece no mês de agosto, como também tem as festas juninas no mês de junho assim como uma das primeiras manifestações, os tambores de crioula ainda permanecem ativos. As festas religiosas também fazem parte do calendário cultural da cidade, pois cerca de 70% da população é católica.

2. RISCOS AMBIENTAIS NO MEIO URBANO: ENCHENTES DO RIO PARNAÍBA

A ação humana pode produzir um impacto relevante sobre o mundo natural, inclusive ao ponto de provocar sua degradação. [...] O desafio é o de superar as divisões rígidas e dualistas entre natureza e sociedade, em favor de uma leitura dinâmica e integrativa, fundada na observação do mundo que se constrói no rio do tempo (PÁDUA, 2010. p. 97).

Como podemos ver o primeiro capítulo coloco a importância do rio para o Estado. Entretanto, foco desta pesquisa é verificar o fenômeno das enchentes da cidade de Joca Marques, mas sabemos que os desastres ambientais no Piauí já ocorriam desde o século XVIII, só que em pequenas proporções como aponta nos dados da Defesa Civil do Estado que ano de 1842 aconteceu a primeira enchente, mas com a aceleração da urbanização das margens dos rios piauienses esse fenômeno foi se agravando e atingindo principalmente pequenas cidades do interior do Estado.

No entanto, as enchentes que ocorrem no Piauí têm fatores específicos, devido as grandes chuvas que caem no período do inverno, compreendido entre os meses de janeiro a junho²⁰ e o crescimento demográfico tem contribuído para essas ocorrências. Outro fator que contribui para esse evento é que no período chuvoso a Barragem de Boa Esperança, situada na cidade de Guadalupe no interior do Estado recebe um fluxo de águas muito elevado ao que ela pode comportar isto faz com que essa água seja despejada no rio Parnaíba assim contribuindo para elevação do nível do rio, ocasionando as enchentes periódicas.

Conforme Tucci (1997) água no meio urbano tem vários aspectos. O primeiro, que qualquer pessoa tem sempre na mente é o do abastecimento da população. Outros aspectos devem ser considerados, sobretudo, com o aumento e a densificação populacional que o mundo vem sofrendo nesse século. Com o crescimento populacional e a densificação fatores como a poluição doméstica e industrial se agravaram, criando condições ambientais inadequadas, propiciando o desenvolvimento de doenças de veiculação hídrica, poluição do ar e sonora, aumento de temperatura, contaminação da água subterrânea dentre outros. Esse processo que se agravou principalmente a partir do final da década de 1960, mostrou que o

²⁰ O Estado do Piauí é diferentemente dos outros Estados brasileiros ocorrendo apenas duas estações do ano que inverno e verão. O inverno é compreendido entre os meses de janeiro e julho, e o verão vai do início de junho até dezembro, primavera e outono não é compatível com o tipo de clima do nosso Estado, por se situar em zona de proximidade com a linha do Equador.

desenvolvimento urbano sem qualquer planejamento ambiental resulta em prejuízos significativos para sociedade (TUCCI, 1997).

A partir do século XIX, quando houve o processo de modernização do Estado como aponta Gandara (2009) no artigo *Rio Parnaíba...Um cadinho de mim e a história ambiental*, observamos a transformação da paisagem parnaibana que fez surgir – na segunda metade do século XIX e primeira do XX – centenas de pequenas cidades provocadas pela mudança das formas de apropriação da natureza. Foram também em documentos que igualmente percebemos a incorporação da mata parnaibana transformada em materiais na construção do urbano. Numa determinada ilustração, pudemos observa a mata, como uma muralha, e, no centro, casas construídas, esteadas com madeiramento e ripamento de tronco de carnaúba²¹.

O processo de ocupação da bacia parnaibana tem ocasionado degradação do espaço geográfico do Rio causando assim uma devastação das matas ciliares que o margeia. Em uma escala maior os riscos ambientais que as populações ribeirinhas estão sujeitas são derivados de processos naturais ou causados pela interferência do homem. Acerca das questões Jocélio Araújo Santos (2007) expõe que a urbe sofre com o adensamento do uso do solo, a deterioração de certas áreas e uma constante procura pelo direito de morar. Neste momento, está vulnerável a fenômenos que estão cada vez mais longe do nosso controle. A impotência, a imprevisibilidade e a incerteza são características da sociedade atual.

Com o advento das catástrofes como o desmoronamento, grandes enchentes, tempestade em grande escala, fenômeno da seca dentre outros vem ocorrendo principalmente no eixo Sul/Sudeste, que são à base da sustentação do País. Vale ressaltar que quando tais intempéries tinham uma magnitude em menor proporção não havia debates voltados para as questões ambientais; e mais quando elas ocorriam na região nordeste do Brasil as políticas públicas eram insuficiente. Atualmente, no Brasil a relação entre homem e natureza vem sendo discutida com maior frequência. Portanto “a percepção da natureza reside nas transformações sofridas pelas paisagens que surgem como reflexo, com forma aparente e resultado do homem e natureza” (SILVA, 1997, p. 299).

Para Pádua (2010) “natureza se apresenta cada vez mais como algo em permanente construção e reconstrução ao longo do tempo, distante da visão tradicional de uma realidade pronta e acabada, que serviria de referencial estável para a agitação do viver humano” (PÁDUA, 2010. p. 89).

²¹ GANDARA, Gercinair Silvério. *Rio Parnaíba e a História Ambiental*. Textos Historicos, vol 17, nº 1, 2009.

Pensando nessas problemáticas a história ambiental vem sendo discutida nos meios acadêmicos e na esfera global. Worster (1991, p. 200) relata que “o objetivo da história ambiental é aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos afetados em seu ambiente natural (...) como eles afetaram esse ambiente e com que resultados”. Pádua (2010) discorre que três elementos devem ser considerados nesse contexto: a ideia de que a ação humana pode produzir um impacto relevante sobre o mundo natural, inclusive ao ponto de provocar sua degradação; a revolução nos marcos cronológica de compreensão do mundo e a visão de natureza como uma história, como um processo de construção e reconstrução ao longo do tempo.

No entanto essa relação entre homem e natureza tem acarretado uma série de problemas de diversas formas acopladas ao mau uso dos solos, dos rios, das matas entre outros fatores, por exemplos as enchentes no Piauí são resultado desse uso exagerado das margens dos rios, pois como sabemos as cidades piauienses em sua grande maioria ficam situadas nas proximidades dos rios, assim causado poluição, erosão das encostas, tudo isto somado aos outros fatores foram cruciais para esse evento.

O ato mais crítico seja na questão da proteção ambiental do Estado, ao passo que este não conta com leis ambientais na proteção das bacias hidrográfica do rio, portanto, torna-se difícil a conservação da vegetação das margens. A Área de Proteção Ambiental²² do Piauí só atinge áreas como o Delta do Parnaíba, a Serra da Capivara no sul entre outros. Logo, há uma falência na preservação no percurso que faz até atingir o mar. É intrigante a real situação do Estado levando em consideração ao fato que os demais estados da federação buscam alternativas para melhorar a conservação do meio ambiente, o Piauí continua ausente à problemática ambiental.

Segundo Rodrigues e Cora (2007) frente a isso, colocam as Legislações Ambientais, na maior parte dos países, vem se preocupando em (re)dimensioná-las, em favor da cidadania visando proteger esse bem que é de direito de todos e que afeta diretamente a vida. O habitat natural do homem que é o meio ambiente, já vem sendo visto pela doutrina jurídica como um bem jurídico, digno de proteção, pois, está intimamente ligado ao ser humano. O homem como sendo um ser bio-psíco-sócio-cultural não pode viver extrinsecamente a natureza, ele faz parte da simbiótica dessa natureza (RODRIGUES e CORA, 2007).

Assim, por conseguinte, a preocupação com a degradação ambiental caminha a passos lentos no Piauí, pois pouco tem-se feito na proteção por parte os gestores estaduais, assim

²² Área de Proteção Ambiental do Piauí. Disponível em: <http://www.semar.pi.gov.br/missao.php>. Acessado em 29 de junho de 2016.

como nos municípios. Em vista disso, é pertinente a leitura do capítulo XI, do **art.5** da SEMAR²³, constando que deverão ser feitos por tais gestores “programas de gestão de águas subterrâneas, compreendendo a pesquisa, o planejamento, o mapeamento da vulnerabilidade à poluição, a delimitação de áreas destinadas à sua proteção e controle e monitoramento”. É notória a displicência. Pois há ciência de que a maioria dos municípios piauienses não possui secretarias de meio ambiente em seus planos de Governo e muito menos não tiveram a preocupação em esta monitorando as áreas que são susceptíveis a ocorrência das enchentes no estado. No entanto esses impactos ambientais trás varias consequências para os envolvidos diretos ou indiretamente.

Para Tucci (1997) as enchentes urbanas constituem-se num dos importantes impactos sobre a sociedade. Esses impactos podem ocorrer devido à urbanização ou à inundação natural da várzea ribeirinha. Na bacia hidrográfica rural, o fluxo é retido pela vegetação, infiltra-se no subsolo e, o que resta, escoar sobre a superfície de forma gradual, produzindo um hidrograma com variação lenta de vazão e com picos de enchentes moderados. As enchentes naturais extravasam a sua calha menor, em média, a cada dois anos, ocupando o seu leito maior.

Para que haja uma melhor compreensão acerca desse processo é necessário fazer uma distinção e caracterização do que sejam enchentes provocadas por fenômeno natural nas áreas ribeirinhas e enchente provocada por urbanização devido ao mau uso solo nas proximidades dos rios. Essa diferenciação tem uma importância significativa no âmbito do social para que possamos distinguir as diversas formas desse fenômeno. Uma das preocupações evidente que as populações ribeirinhas têm acerca desses desastres é falta de proteção do poder público para estar subsidiando na reconstrução dos ambientes destruídos por evasão das águas.

2.1 Fatores naturais e humanos

As enchentes do rio Parnaíba com foi pontuado acima decorre de fatores primordiais, pois, enquanto uma acontece por causa da natureza, a outra está atrelada à urbanização desenfreada das margens do rio. Conforme Tucci (1997, p. 16) “as enchentes em áreas urbanas são consequência de dois processos, que ocorrem isoladamente ou de forma integradora: enchentes em áreas ribeiras e enchentes urbanizadas”. Seguindo o pensamento do

²³ Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos – SEMAR. Disponível em: http://www.semar.pi.gov.br/download/201603/SM15_ecd7c50a18.pdf

teórico para uma melhor compreensão acerca desse processo é necessário fazer uma distinção entre ambas:

1. *Enchentes em áreas ribeirinhas*: as enchentes naturais que atinge a população que ocupa os leitos de rios por falta de planejamento do uso solo;
2. *Enchentes devido à urbanização*: são enchentes provocadas pela urbanização acelerada das grandes cidades.

Conforme Tucci (1997), enchentes em áreas ribeirinhas ocorrem, principalmente, pelo processo natural no qual o rio ocupa o seu leito maior, de acordo com os eventos chuvosos extremos, em média com tempo de retorno superior a dois anos. Este tipo de enchente, normalmente, ocorre em bacias grandes, sendo um fato em decorrência do processo natural. Os impactos sobre a população são causados, sobretudo, pela ocupação inadequada do espaço urbano. Entretanto, a maioria das enchentes urbanas em áreas ribeirinhas é caracterizada pela “invasão das áreas ribeirinhas, que pertencem ao poder público e pela população de baixa renda; ocupação das áreas de riscos, que são atingidos com frequência menor, mas quando são sofrem prejuízos significativos” (TUCCI, 1997).

Nessa perspectiva, no que tange as enchentes ocorridas devido à urbanização, Tucci as caracterizam da seguinte forma:

Com o desenvolvimento urbano, ocorre a impermeabilização do solo através de telhados, ruas calçadas e pátios, entre outros. Dessa forma, a parcela da água que infiltrava passa a escoar pelos condutos, aumentando o escoamento superficial. O volume que escoava lentamente pela superfície do solo e ficava retido pelas plantas, com a urbanização, passa a escoar no canal, exigindo maior capacidade de escoamento das seções. O hidrograma típico de uma bacia natural e aquele resultante da urbanização. Os efeitos principais da urbanização são o aumento da vazão máxima, a antecipação do pico e o aumento do volume do escoamento superficial (TUCCI, 1997, p. 16).

Assim, neste trabalho, é pertinente está fazendo essas diferenciações às formas de como se propagam as enchentes para que haja um entendimento maior acerca das características de cada uma. A sociedade, de modo geral, tem passado por vários desastres naturais, sendo eles de magnitude baixa, ou alta, por isso convém destacar as variações desses processos históricos que atinge diretamente a população. Para Fábio Alexandre dos Santos (2011, p. 4) “as enchentes seriam sinônimos de inundações, fatores provocados pela interferência do homem, portanto frutos sociais”.

Para o Seu Raimundo José, pescador morador da Avenida Beira Rio, de Joca Marques, entende que as enchentes acontecem devido ao ciclo natural, assim como pelos deslocamentos que as pessoas fazem entorno do rio, como podemos observar em sua fala:

Minha filha aqui pra nós! As enchentes acontecem devido ao inverno quando é bom! Tem muita chuva né! Mas também uns que diz que a enchente acontece devido ao mau uso das margens do rio, pra construí casa! Menina se num houvesse tanta gente construindo não havia tanto desmatamento.²⁴

Nessa fala desse colaborador, percebo que mesmo não tendo conhecimento dos conceitos e como as enchentes se propaga nos meios urbanos, mostrou que seu conhecimento – empírico - de longos anos vivenciando as enchentes já consegue fazer as associações. É interessante sentir como a população entende cada evento desses, para que não fique atrelada somente a questão da natureza e começar a perceber que certas atitudes, tomadas pelo homem em relação ao meio ambiente, trazem sérias consequências a humanidade.

De acordo com Ximenes (2010), as enchentes são fenômenos relativamente comuns, pois correspondem a 40% dos desastres naturais que acontecem no mundo. Apesar da terminologia empregada, a expoente tem uma percepção parecida com os outros autores citados anteriormente, que defendem as enchentes como um fenômeno relacionado às ações humanas, portanto, de cunho social, assim:

Apesar dos fenômenos das enchentes estarem atrelados às condições climáticas que são de origem externa, sabemos que o homem tem influência direta sobre as enchentes. A literatura confirma essa relação através da descrição de diversos fatores intensificadores e agravantes das enchentes, no qual percebemos a responsabilidade das ações humanas sobre a magnitude e gravidade deste tipo de desastre (XIMENES, 2010 p. 11).

Pensando na amplitude que as enchentes provocam no meio social, Isabela Costa Zampeir (2014, p. 12) destaca “que mesmo sendo um problema de ordem social, as inundações ganharam um viés ambiental”, percebe que o problema deixa marcas profundas no ambiente. Sobre esse aglutinamento das questões sociais e ambientais Santos (2011) evidencia que:

Relação do processo de enchentes com a construção da sociedade, de forma que atinge grande parcela da população e a obriga a criar mecanismos e formas de lidar com o problema (ou conviver com ele). Dessa maneira, há que se considerar que a constante busca e ocupação de locais de moradia muitas vezes consideram dos impróprios; a impermeabilização do solo; e até o descarte de resíduos de maneira inapropriada contribuem para reconstrução social das enchentes (SANTOS, 2011, p 9).

Conforme o exposto o problema descrito até aqui se associa as diversas formas de enchentes que acontecem em ambientes urbanos. No entanto, projeta-se que as confluências

²⁴ Raimundo José de Sousa. Pescador.53 anos. Entrevista concedida a Marciane Maria dos Santos, no dia 24 de junho de 2016.

do rio Parnaíba é propício há essas variantes ocasionado mudanças no cotidiano das populações das áreas afetadas durante o processo das inundações. Dito isso, a dinâmica social é prejudicada drasticamente, principalmente pela perda dos bens materiais, assim também, como são retirados do seu convívio familiar e levados para abrigos mal estruturados. Estima-se que nas últimas enchentes ocorridas no Estado do Piauí deixou total de aproximadamente 9.507 famílias afetadas pelas enchentes no ano de 2008; já em 2009 tem-se uma projeção de 90.370 famílias, distribuída entre os municípios do interior e a capital do Estado, (Teresina)²⁵.

O drama vivenciado pelas populações ribeirinhas é influenciado diretamente pela ocupação desordenada do solo nas encostas do rio e falta de políticas públicas adequadas para construção de moradia digna para essas famílias que vivem plena vulnerabilidade social. Kobiyama (2006) descreve que os desastres ambientais são:

De modo geral, os desastres naturais são determinados a partir da relação entre o homem e a natureza. Em outras palavras, desastres naturais resultam das tentativas humanas em dominar a natureza, que, em sua maioria, acabam derrotadas. Além do que, quando não são aplicadas medidas para a redução dos efeitos dos desastres, a tendência é aumentar a intensidade, a magnitude e a frequência dos impactos. Assim, grande parte da história da humanidade foi influenciada pela ocorrência de desastres naturais, principalmente os de grande magnitude (KOBİYAMA, 2006, p. 12).

Sendo assim, os desastres ambientais vivenciados no Piauí tem relação contínua em decorrência do uso indevido da bacia hidrográfica do rio. Como no discurso de Seu Sebastião, natural do estado do Maranhão, que migrou para a cidade de Joca Marques ainda criança, atualmente mora na Avenida Flanklin Marques. Sobrevive da agricultura e da pecuária de subsistência, segundo o mesmo:

Os problemas com as enchentes aqui vem de muito tempo! Mais antigamente só era por causa da chuva, hoje em dia é mais por causa da destruição das margens do rio! Primeiro que vários povoados tornaram cidades, num tem infraestrutura! As pessoas ainda destrói tudinho, a vegetação, a paisagem! É por que tu és muito nova, mais pergunta para tua mãe como era antes num tinha tanta poluição, as pessoas respeitava o limite do rio mais hoje num tem mais isso não²⁶

Outro fator extremamente importante a ser pontuado é a vazão das águas pela Barragem de Boa Esperança, principal fornecedora de energia do Estado. Quando esta atinge seu ponto máximo é necessário abri suas compostas e o excedente é despejando no Rio Parnaíba causando as fortes inundações, para além das águas das chuvas.

²⁵ BLOG DO Efrém Ribeiro. Disponível em : [www.htt//portalAZ.Blog.EfrémRibeiro.com](http://portalAZ.Blog.EfrémRibeiro.com). Acessado em 20 de Outubro de 2015.

²⁶ Sebastião de Oliveira Sousa. Lavrador, 48 anos. Entrevista concedida a Marciane Maria dos Santos, no dia 25 de junho de 2016.

Na figura abaixo podemos ver como se dar esse processo.



FIGURA 03: Barragem de Boa Esperança²⁷

Fonte: Blog do Efrém Ribeiro. Disponível em: <http://portalAZ.Blog.EfrémRibeiro.com>. Acessado em 30 de Outubro de 2015.

De acordo com Roland Bartes (1984, p. 116) “as imagens mostram o desenvolvimento do cotidiano” Podemos perceber que o processo das enchentes no Piauí tem fatores específicos em relação aos outros estados brasileiros. Mesmo estando no semiárido onde as precipitações não são muito favoráveis como destaca Antônio C. Diegues (2007, p. 7) “é uma área com precipitações médias anuais iguais ou inferiores a 800 mm, e com um regime de chuvas marcado pela irregularidade em termos de espaço e tempo”. Porém, como as fortes chuvas que ocorrem durante o inverno no semiárido da região nordeste tiveram influência total para degradação do ambiente. Assim, também, como o processo de assoreamento das encostas, desmatamento, pois a mata ciliar das margens foi sendo ao longo das décadas devastada pela ocupação humana. Tudo isto implica na dinâmica do curso natural do rio. Acerca desses fatores Santos (2007) pontua:

Os rios, na época das chuvas, veiculam mais águas e necessitam, para tanto, de mais espaço para esse transporte, o espaço assim ocupado é dominado várzea do rio. Ora, se a cidade ocupa esse espaço, o rio reclamará de qualquer forma as áreas urbanizadas (SANTOS, 2007, p. 66).

²⁷ Durante o período chuvoso compreendido entre os meses de Janeiro e Junho, a Barragem de Boa Esperança situada na cidade de Guadalupe-PI atingiu seu ponto máximo, sendo necessário abri suas compostas que foram despejadas no Rio Parnaíba, contribuindo assim para há ocorrências da enchente do referido rio.

Historicamente, os piauienses convivem com o fenômeno das enchentes há várias décadas mais atualmente que vem sendo discutido o problema devido às áreas afetadas situarem principalmente nas cidades, pois, convém destacar que as maiorias das cidades piauienses situam-se nas margens dos rios. Ainda mencionando acerca desse processo Almeida coloca que:

Nos espaços urbanizados, as enchentes estão entre as ameaças naturais que mais causam danos humanos e materiais. Os problemas causados pelas enchentes estão fortemente correlacionados a uma história posição de arrogância por parte da sociedade quanto à dinâmica 'natural' da bacia hidrográfica, mas também de inocência ou inadvertência no que concerne a ocupação das margens dos rios por populações marginalizadas (marginais, tanto do ponto de vista da localização da moradia quanto do ponto de vista socioeconômico) da sociedade urbana (ALMEIDA, 2010, p. 132).

Conforme os diversos problemas causados pelas enchentes, desde perdas materiais como casas, bens de consumo e até vidas humanas. A situação precária em que essas pessoas situam-se depois de um processo moroso como esse. O poder público, muitas vezes, ignora os desabrigados, sendo que tem um órgão público - Defesa Civil do Estado - que é responsável para está monitorando as áreas de risco. Pois, como sabemos depois de uma enchente vem talvez o mais trágico dos problemas que é a falta de estrutura, a proliferação de doenças dentre outros.

É pertinente fazer as caracterizações da enchente ocorridas em 2008 e 2009 para que possamos compreender como estas interferiram no cotidiano da população e a relação das cidades afetadas direta ou indiretamente, visto que percebemos que devido a esses problemas muitas cidades ficam isoladas devido ao fato que as estradas são destruídas, assim também como as pontes que fazem essa interligação. Por isso é conveniente está colocando todo o contexto afetado, até mesmo para termos uma ideia mais completa desse processo histórico. Como se trata de um estudo de caso entende-se que é primordial fazer as distinções entre cada uma para se tenha uma dimensão mais aprofundada do assunto.

As primeiras enchentes registradas no Estado do Piauí se deram século do final XIX, mas em pequena proporção. Já no século XX houve inúmeras; todas em grandes proporções, por exemplo, na década de 1970 a região norte do Estado foi área mais afetada deixando varias famílias desabrigadas.

Entretanto, como o foco desta pesquisa são as últimas enchentes ocorridas entre os anos de 2008 e 2009 e suas interferências no cotidiano da população Joca Marquense. De modo geral, nesse próximo tópico, pontuarei como foi o processo das enchentes ocorridas nos

anos acima citados que são o foco deste trabalho, mas numa visão mais ampla abrangendo o Estado.

2.2 2008 um ano marcado na vida dos piauienses

No ano de 2008 o Estado do Piauí vivenciou um período conturbado, devido as fortes chuvas ocorrerem durante o período de inverno, deixando marcas profundas na sociedade. Dados da Defesa Civil do Estado coloca que durante os meses de abril e maio do corrente ano houve um número significativo de famílias desabrigadas por causa das enchentes que se alastrou em quase todo o Estado. Um problema social que os piauienses vivenciam principalmente por falta de políticas públicas que favoreçam as classes minoritárias da sociedade.

Assim, desse modo, a Defesa Civil do Estado (2008) estima que aproximadamente mais 9.507 famílias foram atingidas pela catástrofe natural, o que representou cerca de 47.535 pessoas alagadas. Deste total, 3.240 famílias são da região norte do interior; o restante dos atingidos está situado em Teresina. A situação mais grave foi no norte do Estado. Em Parnaíba, foram oficialmente registradas 371 famílias atingidas; em Campo Maior, 340 e em Esperantina, 301.

Os demais municípios afetados e seus respectivos números de famílias afetadas são: Batalha (100), Cajueiro da Praia (127), Caxingó (151), Ilha Grande (110), Joaquim Pires (82), Joca Marques (117), Luís Correia (186), Luzilândia (100), Miguel Alves (138), Piracuruca (133), União (58) e Teresina (1.150). Em Santa Filomena e Francisco Aires o prejuízo se dá por conta da destruição de estradas que dão acesso aos municípios²⁸.

Como poderemos ressaltar há alguns casos, como por exemplo, na cidade de Santa Filomena que as cheias afetaram, indiretamente, devido à destruição das pontes que interligam essa cidade a outras. Com isso, é perceptível compreender que as áreas que são susceptível desastre natural possuem solos fragilizados devido à erosão entre outros fatores.

Em suma esses números apontam que a maioria dessa população que vivenciou essa vulnerabilidade ficava situada em áreas de riscos. Como aponta Almeida (2011 apud VEYRET, 2007, p. 11):

²⁸ Os dados acima apontado estão disponíveis no site da Defesa Civil do Estado do Piauí: <http://www.defesacivil.pi.gov.br/index.php>. Acessado em 30 de Outubro de 2015.

O risco, objeto social, define-se como a percepção do perigo, da catástrofe possível. Ele existe apenas em relação a um indivíduo e a um grupo social ou profissional, uma comunidade, uma sociedade que o apreende por meio de representações mentais e com ele convive por meio de práticas específicas. Não há risco sem uma população ou indivíduo que o perceba e que poderia sofrer seus efeitos. Correm-se riscos, que são assumidos, recusados, estimados avaliados, calculados. O risco é a tradução de uma ameaça, de um perigo para aquele que está sujeito a ele e o percebe como tal.

Pressupõe-se que os riscos pelas quais as populações ribeirinhas vivem cotidianamente durante o período de inverno traz consigo mudanças no ambiente e consequências para as populações, ao passo que quando acaba o período das enchentes, a destruição é quase total, sobretudo, dos bens materiais que são deixados em seus lares durante a desocupação. Uma das preocupações dos entrevistados é na questão da migração que eles fazem durante os dias em que precisam sair de suas casas para outras regiões, como Seu Raimundo José relatou:

O mais triste é ter que deixar tudo! Por que às vezes num dar tempo de retirar as coisas! É de uma hora para outra, é muito rápido! Aqui para nós ainda dar tempo de retirar, mais tem lugar que só dar para salvar a vida? Tu pensas que eu durante o inverno tenho vida fácil? Tem não, por que agente vai dormir já pensando no dia seguinte²⁹

Pela fala do entrevistado, compreendo que para população como um todo é muito difícil ver que seus bens que alguns levam anos para conquistar em apenas alguns instantes pode se tornar apenas lembrança. Quando as torrentes de águas invadem as casa não há modo de retirar os móveis e objetos de suas respectivas residências, pois é algo imprevisível que pode acontecer a qualquer momento. Infelizmente há casos em que o indivíduo só sai de sua moradia com a roupa do corpo e nada mais.

Outro dado que é de suma importância mencionar diz respeito aos abrigos para onde as pessoas são levadas sem nenhuma estrutura física adequada, muitas vezes, são colocados em escolas ou em outros espaços improvisados e inadequados como galpões entre outros. Essas pessoas ficam dependendo da boa vontade dos vizinhos, ou mesmo da imponência, do Estado para sua sobrevivência.

Nesse período as paisagens naturais das cidades nas margens do rio vão sendo modificada como podemos destacar na figura abaixo:

²⁹ Raimundo José de Sousa. Pescador. 53 anos. Entrevista concedida a Marciane Maria dos Santos, no dia 24 de junho de 2016.



FIGURA 04: Espaço urbano invadido pelas águas em Teresina do Rio Parnaíba em 2008

Fonte: Blog do Efrém Ribeiro. Disponível em: <http://portalAZ.Blog.EfrémRibeiro.com>. Acessado em 30 de Outubro de 2015.

Pela imagem podemos visualizar o espaço urbano sendo atingido pelas águas. A destruição é marcante principalmente no tocante aos modos de vida das pessoas afetadas. Presume-se que com a invasão das águas os moradores são os que mais sofrem as consequências diariamente. Pensando nessa mudança de espaços como um todo Santos descreve que:

O espaço aparece como um substrato que acolhe o novo, mas resiste às mudanças, guardando a vigor da herança material e cultural, a força do que é criado de dentro e resiste força tranquila que espera vigilante, a ocasião e a possibilidade de se levantar (SANTOS, 1996, p. 16).

Portanto, dentro as alterações que aconteceram no Piauí sejam de ordem social ou ambiental teve várias consequências no local destruído, desde a mudança da paisagem ao cotidiano. É necessário destacar que não houve nenhum projeto de iniciativa governamental para recuperação das margens dos rios. Tanto que em 2009 a história se repetiu e nada de projetos como drenagem, cais, zona de monitoramento intensivo, fiscalização na proteção ambiental.

2.3 Entre casos e acasos a história se repete em 2009

Levando em consideração que no ano de 2008 as enchentes que atingiram o Estado tiveram proporções menores. O ano de 2009 a população sobre sofreu bastante com o problema das enchentes. Várias cidades na região do Alto, Médio e Baixo Parnaíba foram afetadas drasticamente³⁰.

O jornal *Cidade Verde* que possui sede em Teresina no dia 16 de maio noticiou o seguinte:

No último boletim divulgado pela Defesa Civil do Estado do Piauí que foram contabilizados mais ou menos 39 ou 40 município atingido pelas enchentes e número de famílias atingidas praticamente dobrou em relação às enchentes de 2008, a distribuição de Kits para os flagelados continua e a chegada dos representantes da Defesa Civil Nacional deve agilizar a ajuda aos necessitados (*JORNAL CIDADE VERDE*, 2009)³¹.

Entretanto no dia seguinte a Defesa Civil do Estado do Piauí apresentou os reais números de pessoas atingidas totalizando cerca de 90.370, espalhada em 40 cidades do Estado, sendo que aproximadamente 63.000 ficaram desalojados; 27.000 estavam desabrigados em 17 de Maio de 2009³². Sendo que esse número cresceu ainda mais em virtude que período chuvoso só terminou em junho.

Dentre as cidades mais afetadas da região norte do Estado foi: Luzilândia, Madeiro, Joaquim Pires, Barras, Esperantina, Batalha, Joca Marques, Buriti dos Lopes, São João do Arraial, Portos, Nossa Senhora dos Remédios dentre outras. Portanto, em termos quantitativos estimam-se as áreas inundadas fica principalmente nos bairros mais próximos ao rio Parnaíba. Por exemplo, na cidade de Luzilândia os bairros afetados foram os que têm a população de baixo poder aquisitivo. Mas esse fenômeno não atinge só os ribeirinhos, por que tem urbes em que os sujeitos que estiveram presentes nessa calamidade viviam em áreas não propícias.

Com base nos dados podemos verificar que com o passar dos anos as enchentes as ficaram mais devastadoras. Zampier (2014) discute assunto colocando:

Então, muito além dos problemas ambientais decorrentes do fenômeno (que não são poucos, mas não irei me alongar nessa temática) por trás disso estão enrustidos

³⁰ Dados extraído do Blog do Efrém Ribeiro. Com relação às denominações Altas Parnaíba, Médio Parnaíba e Baixo é porque a bacia do Rio Parnaíba esta descrita desta forma, devido às cidades afetadas estarem nessa Microrregião. Acessado em 04 de Outubro de 2015.

³¹ Fonte Jornal Cidade Verde. Disponível em: <http://cidadeverde.com/noticias/37873/numero-de-alagados-no-piaui-sobe-90-em-relacao-a-a-2008>. Acessado em 05 de Julho de 2016.

³² Dados da Defesa Civil Do Estado do Piauí. Disponível em : <http://www.defesacivil.pi.gov.br/index.php> Acessado em 30 de outubro de 2015.

fatores sociais que contribuem de forma precisa para que as enchentes ocorram. Dessa maneira não é difícil perceber o porquê, com o passar dos anos, elas ficam cada vez mais intensas e mais destrutivas. Acabam sendo reflexo das ações antrópicas nos leitos, nas margens, nas nascentes, nos assoreamentos... A relação é matemática quanto mais nos apoderamos do rio, em número de ocupações nas margens, por exemplo, menor a vazão e conseqüentemente maior o nível que a água atinge nas ruas e inevitavelmente, dentro dessas construções (ZAMPIER, 2014, p. 14-15).

Nessa concepção a autora coloca que os fatores sociais causados pelo homem, como os desmatamentos, retiradas de areia dos leitos por meio das tecnologias atingem diretamente o fluxo das águas. E isso é prejudicial ao habitat, no entanto, as causas desses constrangimentos são de inteira responsabilidade do homem como afirma Araújo:

A superfície terrestre, palco das transformações e lugar onde se espalha o tecido urbano é constantemente alterada desde a fase inicial da ação antrópica, até a sua adequação, pois são visíveis os impactos ambientais. Nas áreas urbanas, o desmatamento e o corte das encostas, para construção de casas, prédios e ruas, é uma das principais causas da degradação (ARAÚJO, 2007, p. 60).

Dito isso, a maioria das cidades piauienses não possuem planejamento adequado, e o próprio homem acaba adotando medidas prejudiciais ao meio ambiente. Para tanto, nesse processo de intensificação do desmatamento está salopando a paisagem natural e o que observamos nas encostas das margens dos rios é uma verdadeira falta de cuidado. O ambiente natural está se perdendo devido à destruição feita pela humanidade. A ganância do ser humano em querer apenas angariar bens materiais acaba destruindo todos que estão ao seu redor.

Portanto, a paisagem natural está sendo altamente massificada pelo homem, seus desejos gananciosos em estarem urbanizando o meio natural. Com isto, percebemos os casos desastrosos de destruição que o Piauí vem sofrendo. As enchentes, então, têm fatores humanos, e se ele mesmo não tiver a capacidade para entender que tem grande parcela de culpa nesses eventos, o problema só irar se agravar.

Na figura abaixo podemos visualizar como essas cidades ficaram durante esse episódio das enchentes de 2009.



FIGURA 05: A situação da cidade de Barras - Piauí no período de 2009³³

Fonte: Blog do Efrém Ribeiro. Disponível em: <http://portalAZ.Blog.EfrémRibeiro.com>. Acessado em 30 de Outubro 2015.

Essa figura constata bem o que podemos esperar de cheia ou inundações: bairros encobertos pelas águas, pessoas desabrigadas vivendo em casas de parentes ou abrigos improvisados e sem nenhuma estrutura física adequada. Sendo mais suscita em relação a esse processo histórico, compreendo que as enormes proporções às quais tiveram as enchentes de 2009, consistem em um problema de ordem pública. Infere-se que as enchentes ocorridas neste ano tiveram uma proporção superior as de 2008.

Dados do Instituto Brasileiro Geográfico e Estatística – IBGE - demonstra que no período compreendido entre os meses de março a junho do corrente ano houve várias catástrofes no País. No Estado do Piauí, várias cidades sofreram com as enchentes dos rios locais, o principal fator que influenciou os alagamentos foi à obstrução de bueiros (percebida em 45,1% dos municípios), ocupação intensa e desordenada do solo (43,1%), obras e projetos inadequados (31,7% e 30,7%, respectivamente), lançamento inadequado de lixo (30,7%),

³³ Fotografia mostrando a situação das cidades que foram castigadas durante as enchentes do rio Parnaíba durante o período das enchentes de 2009. A imagem foi extraída do Blog do Efrém Ribeiro, disponível em: <http://portalAZ.Blog.EfrémRibeiro.com>. Acessado em 30 de Outubro de 2015.

interferência física no sistema de drenagem (18,6%), lençol freático alto (15,8%), entre outros³⁴.

Portanto compreende-se que as enchentes ocorridas no Estado tem uma inferência significativa do ser humano que só destrói as margens dos rios e não tem nenhum programa de recuperação das áreas castigadas. Assim ocasionando frustrações no contingente populacional que habitam em suas margens, seja na zona urbana ou rural do Estado.

Com relação às políticas públicas adotadas para vítimas, o Governo optou doação de suplementos alimentícios, colchonetes com foi colocado na matéria vinculada ao *BLOG 180 GRAUS*:

O secretário de Defesa Civil, deputado Fernando Monteiro (DEM), tranquilizou prefeitos e populações das cidades ameaçadas pelas enchentes de que há estoque suficiente de cestas de alimentos, filtros, colchões, mosquiteiros, lençóis e fronhas para atender às vítimas, sejam desabrigadas ou desalojadas de suas residências pelas águas das chuvas ou dos rios. Fernando Monteiro lembrou que a Defesa Civil precisa ser informada da situação de emergência nessas cidades para poder agir, inclusive o número de pessoas diretamente afetada pelo desastre (ALEPI, 2009)³⁵

É indiscutível que estes suplementos não aliavam as perdas que as populações viveram nesse período, porém mais triste ainda é verificar que os órgãos federais se ausentaram da sua função que é ajudar na recuperação das áreas afetadas, para termos noção de quão ausente estava é compreender no ano de 2008 foram destinados cerca de 300 milhões era necessário para reconstrução dos municípios, mas só foram repassados cerca de 10% desse total.

Nesse período a economia dos municípios foi prejudicada, principalmente os produtos agrícolas que de onde vem a maior concentração de riqueza do Estado. Ao *BLOG 180 GRAUS*, o diretor da EMATER colocou que as perdas foram grandes:

Os dados preliminares das perdas agrícolas nos municípios das regiões mais atingidas por enchentes ou fortes chuvas para as culturas de feijão, arroz, milho e mandioca nas regiões de Parnaíba, Esperantina, Piri-piri, Teresina e Campo Maior. Ao todo, os técnicos pesquisaram 66 municípios aonde, em alguns casos, as perdas de feijão, milho e mandioca chegam a 90% (BLOG 180 GRAUS, 2009).

As perdas econômicas não restritas aos produtos agrícolas, como a piscicultura que acontece em Piracuruca-PI também passou por momentos difíceis em sua produção. Os dados do EMATER discorrem sobre a situação do Teresina que teve perdas no comércio, nas

³⁴ Informações foram consultadas no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisas.php>. Acessado em 20 de novembro de 2015

³⁵ **Fonte:** ALEPI. *180 graus*. Disponível em: <http://180graus.com/noticias/defesa-civil-entrega-alimentos-para-familias-desabrigadas-190062.html>. Acessado em 03 de julho de 2016.

exportações dos produtos devido às interdições das estradas. De modo geral, todo Estado sofreu consequências, sejam ambientais, econômicas ou sociais.

3. AGRAVAMENTO DOS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NA CIDADE DE JOCA MARQUES-PI

*“Gotas de água da chuva
Alegre arco-íris sobre a plantação
gotas de água da chuva tão triste são as
lágrimas na inundação.
Águas que movem moinhos, são as
mesmas águas que encharcam chão”.*
Guilherme Arantes³⁶

No contexto histórico da cidade de Joca Marques as enchentes vêm sendo algo marcante no que toca as conjunturas da dinâmica social, principalmente para as famílias que habitam os bairros mais vulneráveis da cidade e estão susceptíveis às ocorrências de enchentes. Logo, uns dos caminhos que encontrei para compreender a problemática que a população Joca Marquense vem sofrendo constantemente, além da revisão bibliográfica, utilizamos a História Oral que também tem sua contribuição na construção deste trabalho. A História Oral “ganha significados ao filtrar as experiências do passado através da existência de narradores no presente” (MEIHY, 2014, p.28). Portelli discorre sobre a História Oral como fonte:

As fontes orais são aceitáveis, mas com uma credibilidade diferente. A importância do testemunho ora se situa não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, com imaginação, simbolismo e desejo de emergir. Por isso não há ‘falsas’ fonte orais (PORTELLI, 1997, p. 32).

Entretanto, quando se trabalha com fonte oral de um determinado grupo convém ficar atento a todas as demandas que o entrevistado tem a oferecer ao pesquisador. De acordo com Portelli:

Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas mudanças forjadas pela memória. Essas modificações revelam o esforço dos narradores em busca de sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico (PORTELLI, 1997, p. 33).

A memória é construída a partir das vivências e do modo de vida de cada sujeito. Ela pode ser individual ou coletiva dependendo do ambiente em que está inserida. Montenegro (1992) conceitua que “a memória tem como função o processo reativo que a realidade provoca no

³⁶ Trecho da música Planta Água de Guilherme Arantes. Disponível em <https://www.lettras.mus.br>. Acessada em 08 de Abril de 2016.

sujeito” (MONTENEGRO, 1992, p.19). Reação esta que está atrelada aos impactos da realidade vivenciada pelo grupo.

Portanto para Pollak (1992) a memória é elemento constituinte do sentimento de identidade tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento da coletividade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

É notório entender que neste caso, especificamente, o uso das memórias é indispensável, pois se trata de um estudo de caso em que os sujeitos envolvidos são dependentes do rio, seja para prática da pesca, seja para agricultura de subsistência. Pois como sabemos nas cidades pequenas não há industrialização, por isso a população se apropriou das margens do rio como um meio para produzir seu sustento advém principalmente da agricultura de subsistência, pecuária em pequena escala, outros sobrevivem da pesca.

Percebi durante as entrevistas, que os meus colaboradores³⁷ todos são de baixa renda e, por isso, o rio tem, metaforicamente, vários significados, pois é de onde eles retiram seu sustento. Como aponta D. Maria das Graças Lima Costa, moradora da Avenida Beira Rio, acerca de sua relação com o Rio Parnaíba:

A minha relação com o rio é normal e também por causa do trabalho, no caso mesmo de ter água perto pra nós e fica perto pra gente trabalhar e aí minha relação é essas. As vantagens são por que tudo que a gente planta dar, se planta o arroz dar, se planta o milho dar tirante uma enchente né! Mais num tendo enchente tudo que planta colhe³⁸.

Nessa fala, entendo que moradora começa a destacar os aspectos que a levaram a se situar nas margens do rio. Para ela que sobrevive da agricultura de subsistência durante o período em que acontecem as enchentes tem um lado negativo, pois acabam perdendo seus bens materiais, as sociabilidades é afetado, seu modo de viver alterado.

No geral a população Joca Marquense, principalmente os que moram na Avenida Beira Rio, bairro Mocambinho e Bairro São Domingos são suscetíveis à vulnerabilidade. Todos esses bairros e avenidas foram castigados pelas enchentes tanto em 2008 quanto em 2009.

³⁷ Colaborador é um termo utilizado por José Carlos Sebe Bom Meihy, no livro História Oral: como fazer, com pensar. Segundo o autor colaborador são os seres que ao narrar modulam expressões e subjetividades e a transparência disso é relevante aos exames decorrentes do texto estabelecido em análise com os demais (MEIHY, 2014, p.123).

³⁸ Maria das Graças Lima Costa. Lavradora, 67 anos. Entrevista concedida a Marciane Maria dos Santos, no dia 13 de janeiro de 2016.

Assim faz-se necessário compreender que o caso das enchentes que atingem esse lugar não é um fenômeno recente. Data-se que as primeiras enchentes que ocorreram nesse ambiente remontam-se as décadas de 1970 e 1980, quando esta cidade pertencia ainda ao município de Luzilândia-PI.

Sobre as enchentes das décadas de 1970 e 1980, Seu Sebastião fala que foram as maiores que já ocorreu deixando a população toda desabrigada, segundo o mesmo, não ficou ninguém todos tiveram que sair de casa, inclusive pessoas que moravam nas partes mais altas:

Minha filha entre 1970 e 1980, as enchentes foram as piores! Ninguém ficou aqui na parte baixa! Todo mundo foi para outro lugar, aqui só andava de canoa! Foram as maiores que já teve aqui! Num foi fácil para ninguém perdemos tudo! Passamos mais de dois meses fora de casa e quando voltamos estava tudo destruído? Na época ninguém possuía muita coisa como hoje, mas fez falta.

Analisando essa fala, compreendo quão dramático foi este período, pois quando recordou dos espaços tomados pelas águas não lhe trouxe boas recordações, conforme sua narrativa. Se nestas décadas foram outrora as maiores enchentes, percebo que nunca houve planejamento para construção da cidade.

3.1 O drama vivenciado pelos Joca Marquense

O problema das enchentes em Joca Marques tem fatores específicos, pois como sabemos quando ocorrem as fortes chuvas no período de inverno é mais alta a concentração do fluxo das águas que são despejadas no Rio Parnaíba pela Barragem de Boa Esperança, que fica situada na cidade de Guadalupe no Piauí.

Outro fator essencial é a urbanização que se deu nas margens do rio, ocasionado uma devastação das matas ciliares que servem de apoio para sustentação das encostas do rio como podemos observar na imagem abaixo que exhibe como estava a situação.



FIGURA 06: Mostrando a situação das margens do rio
Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Joca Marques.

Acerca dos fatores que tem ligação direta com o processo das enchentes Bernardes et.al (2011) pressupõem que:

A ocupação de encostas torna ainda mais vulnerável à bacia dos rios que a área urbana, tanto pela remoção da vegetação natural que possui aspecto altamente protetor, retendo e ajudando a evaporação das águas da cheias, como pela exposição à erosão a que os solos desmatados ficam submetida (BERNARDES, et.al, 2011.p. 1031).

Diante dessa informação, convém pontuar que o uso dos solos de forma desordenada acarreta uma serie de problemas à população que ali se instalaram. Portanto, verifica-se que as projeções que favoreceram a implantação da urbanização nas margens do rio foram motivadas, a princípio, pela prática da agricultura de subsistência e a pecuária no século XX.

Depois do processo de emancipação da cidade, que ocorreu em 1995, alguns fatores contribuíram ainda mais para o assoreamento das margens do Rio Parnaíba: como falta de infraestrutura adequada, saneamento básico, a retirada de areia do leito do rio e o desmatamento. Todos esses fatores servem para a quebra das barreiras que sustentam as matas ciliares, ficando mais vulnerável à ocorrência de fenômenos naturais como os que aconteceram em 2008 e 2009. Levando em consideração o discurso de Bernardes, et.al (2011):

É indiscutível que a ocupação desordenada da área urbana desprovida de infraestrutura adequada tende a aumentar em magnitude e rapidez a ocorrência dessas inundações. Dentre os principais impactos sobre a população estão: prejuízos

de perdas materiais e humanas, interrupção da atividade econômica das áreas inundadas, contaminação por doenças de veiculação hídrica como leptospirose, cólera, entre outros, contaminação da água pela inundação de depósitos de material tóxico, estações de tratamentos entre outros (BERNARDES, et al 2011. p. 1032).

Logo, inúmeros são os prejuízos que as enchentes podem causar para pessoas que as vivenciam no dia a dia desde perdas materiais até vidas. No caso das que ocorreram em Joca Marques não houve perdas humanas, somente materiais como casas que foram destruídas e as famílias que ficaram desabrigadas, sobretudo, em 2008. Assim, a cidade parou para vivenciar um período que foi desastroso: escolas pararam de funcionar para abrigar as famílias, assim também, com muitos se abrigaram em casa de parentes que se situam na parte mais alta da cidade³⁹, as estradas que são usadas para os deslocamentos entre as cidades de Madeiro e Luzilândia foram destruídas etc.

Em 2009 mais precisamente no mês de maio quando houve a enchente, a população não teve muita perda material, pois antes da chegada do volume de água muitos já haviam se retirado para lugares aonde as alagações não chegariam. Pois, nesse ano, teve-se uma preocupação maior em relação à Barragem de Boa Esperança quando abriu suas compostas e também com outros rios perenes que deságuam no rio Parnaíba.

Sobre essa questão da preocupação com o volume de água que ia ser despejado no rio, seu Bernardo, morador da Avenida Beira Rio que vivenciou enchente de 2008 e 2009 relatou o seguinte:

De primeiro enchia mais quando saltava água da Barragem né! Ai saiu dizendo tal dia ia soltar tanto metros, cinco metros, seis metros, ai que ficava preocupado né! Mas não sei dizer ao certo quantos metros foi! Mais eu sei que foi muitos metros d'águas. Porque bem ali na, naquele aterro, tem uma carnaúba lá que foi marcado nela de 24 metros⁴⁰.

O diálogo que tive com esse colaborador, notei que já havia certo receio de ambas as partes envolvidas, tanto da esfera do poder público como da população em geral em estarem se preparando para a eventual enchente. Entretanto, esse cuidado não foi o suficiente, por que precisamente no mês de maio do corrente ano a cidade foi invadida pela água. Assim, entende-se que o colaborador utiliza o imaginário como um artifício para relatar a quantidade de metros que iam ser despejados no rio, mesmo não sabendo ao certo.

³⁹ Quando me refiro a Parte alta da cidade é porque em Joca Marques esta dividida em Parte Alta e Parte Baixa. Parte Alta não incidência de enchente, pois fica afastada das margens do Rio Parnaíba, enquanto que na Parte Baixa todas as vezes que há bons invernos e fluxo de água aumenta ocorre as alagações.

⁴⁰ Bernardo Claro dos Santos. Lavrador, 66 anos. Entrevista concedida á Marciane Maria dos Santos, no dia 28 de janeiro de 2016.

O Senhor Raimundo José, que é natural da cidade Luzilândia, mas que reside há vários anos na Avenida Beira Rio da cidade Joca Marques relata a respeito das causas e das preocupações que ele tem com relação às enchentes:

Para mim a causa o volume de água para isso ter que ser um volume de água muito alto né para poder acontecer por que se for baixo não acontece, como está acontecendo agora né, só dar uma cheinha e pronta, e dar pra aumentar as águas para poder ter as enchentes né! E também né também tem o desmatamento, porque o pessoal desmata muito a beira do rio, e num pra desmatar deixar uma parte, da barreira do rio deixar uns cem metros, sem desmatar né! Para poder a raiz segurar as terras, ai desmatar tudo se acaba tudo ai fica só as terras soltas quando água desmancha vai se embora⁴¹.

A causa maior da invasão das águas nos bairros ribeirinhos da cidade de Joca de Marques esta vinculado ao grande fluxo de água decorrente do inverno, assim também pelo desmatamento. Notei durante as entrevistas é que as pessoas que moram nesses bairros são os que mais sofrem durante as enchentes. É gritante verificar que enquanto uns falam das causas das enchentes de uma maneira mais abrangente em relação aos outros, nessas duas narrativas vejo distorções em suas formas de como percebem os fatores associados aos problemas por eles enfrentados. Um dos meus colaboradores fala que são inúmeros os problemas enfrentando por eles no dia a dia:

Por que agente se muda quebra as coisas que tem, os móveis que tem num presta mesmo pra nada! Num pode ver cheiro de água que se desmancha tudo, perde um bocado das coisas, perde bicho⁴² também! Às vezes morre afogadas as coisas! Por aí vai é uma destruição⁴³

Uma das preocupações mais relevante nesta fala, diz respeito ao processo migratório que eles têm que fazer durante as eventuais condições pelas quais passam no período das enchentes. Logo, há fluxo migratório durante as ocorrências. Muitas pessoas deixam seu lar em busca de lugares menos vulneráveis; não por opção, pois é a condição a qual está imposta.

Como podemos ver na figura abaixo a situação da Avenida Beira Rio no período da enchente de 2009:

⁴¹ Raimundo José de Sousa. Pescador, 53 anos. Entrevista concedida á Marciane Maria dos Santos, no dia 30 de janeiro de 2016.

⁴² Quando o colaborador fala á respeito *perde bicho*, ele se refere aos animais, por que algumas pessoas que vivenciaram as enchentes são praticantes da pecuária de subsistência.

⁴³ José Batista da Costa. Lavrador, 79anos. Entrevista concedida á Marciane Maria dos Santos, no dia 26 de janeiro de 2016.



Figura 07: Imagem da Avenida Beira Rio
 Fonte: Acervo da Prefeitura de Joca Marques.

Em relação à Avenida Beira Rio que é uma das principais da cidade e é onde se concentra grande parte da população afetada pelas enchentes. Pontuando ainda sobre essa imagem podemos compreender que a situação dos alagados não foi fácil. Os prejuízos foram muitos, pois ocorreram casos em que a população teve perdas materiais por que quando água chega dentro das casas não há tempo para retirarem tudo.

No que diz respeito aos deslocamentos que a população é instituída a fazer são tangíveis, nem por isso é um fato simples de se decifrar a dinâmica dessas transformações que se sucedem nesse espaço. Bosi (2012) pontua que os deslocamentos constantes a que nos obriga a vida moderna não nos permite um enraizamento num dado espaço ou numa comunidade. Mesmo sendo um problema migratório em pequena escala, vejo que há uma modificação na paisagem, principalmente, no que tange aos setores sociais.

Para tanto, a diminuição das relações sociais por parte dos personagens envolvidos durante as enchentes vão se perdendo como diz a D. Maria das Graças:

Nós somos afetados em tudo, desde a perda das coisas, meus vizinhos que gosto de conversar foram pra longe de mim! A gente fica distante, nem preciso te contar como é difícil, estamos todos acostumados a sentar nas portas e ficar conversando, no tudo isso me faz falta. Imagina ficar um mês praticamente fora de casa.

Pela fala desta colaboradora podemos perceber que há um saudosismo em relação ao seu cotidiano. A questão da afetividade e sociabilidade que os moradores têm uns com os

outros também foram profundamente distanciadas na época, portanto, suas vidas são marcadas por esses entraves no período em discussão. É imprescindível não distanciar as relações sociais dos moradores das áreas atingidas, pois se subentende por aquela fala que todos têm uma boa convivência.

Para Alencar (2007), quando o grupo social abandona um lugar, este deixa de existir e se perdem os fios da história do grupo que lhe deu origem. Assim, é o grupo social que constrói e dá significado ao lugar, e cada grupo edifica sua identidade a partir dos vínculos de parentesco que unem as famílias entre si e estas com o lugar aberto pelos ancestrais. O pertencimento ao lugar e a um grupo de parentesco garante o acesso ao território e aos recursos naturais, ou seja, funciona como um mapa cognitivo que orienta as relações entre as pessoas e entre essas e o ambiente.

3.2 Implicação das águas no ambiente familiar

Analisar o cotidiano da população e seu modo de vida durante o caos das enchentes é pertinente salientar que o drama sofrido por esses indivíduos é árduo. Conforme Heller (1970, p. 18) “A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea e a isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere aos conteúdos e a significação ou importância de nossos tipos de atividades”. São indispensáveis os questionamentos sobre a condição de vida do grupo social atingido. As associações feitas durante o período aqui estudado sobre causa e efeitos são viáveis para entender como os indivíduos enfrentaram esse problema que é de ordem social, econômica e natural. Ainda citando Heller:

O homem apreende no grupo os elementos da cotidianidade. É capaz de manter automaticamente no mundo das integrações maiores, de orienta-se em situações que já não possuem a dimensão do grupo comunitário, de mover-se ao ambiente da sociedade em geral e, além disso, de mover por sua vez esse mesmo ambiente (HELLER, 1970, p. 18).

É interessante destacar como a população dos bairros ribeirinhos no seu íntimo tiveram seu modo de vida modificado. Nesse contexto, Seu Sebastião relata como foi seu dia a dia durante as enchentes:

Dia a dia lutando, trabalhando, tirando gente, um dia tirava gente de manhã, de tarde tirava gado, foi essa luta todinha o tempo todo, dia e noite, só que da muito na enchente é trabalho pra nós que mora na margem do Parnaíba é só isso. As casas ficaram tudo derrotadas! Querendo cair sabe ainda hoje esta lá, precisando de ajuda⁴⁴.

⁴⁴ Sebastião de Oliveira Sousa. Lavrador, 48 anos. Entrevista concedida á Marciane Maria dos Santos, no dia 03 de Janeiro de 2016.

Verifica-se que por menor que seja os problemas há modificação, seja na paisagem urbana ou natural. Por meios dos relatos que obtive nas minhas entrevistas as pessoas relatam que só quem passa por um fato desses tem uma verossimilhança da real situação, pois frequentemente observa alguma casa sendo destruída - bairros interditados - entre outros fatores.

Quando Dona Maria das Graças começou a relata sua experiência com as enchentes percebi que a mesma ficava triste, principalmente, quando falava da construção de seu lar, pois estava com pouco tempo que tinha acabado de construir quando houve alagação de 2009. Segundo a moradora, não teve nem tempo de usufruir, pois logo em seguida teve que se retirar de sua casa para ir se alojar na de sua irmã que fica na Parte Alta da Cidade.

Levando por esse lado da análise, percebi que a colaborada carrega em si uma memória ressuscitada deste lugar no qual ela está inserida. Nesse sentido, Pollak (1992) expõe que os lugares de memória, particularmente ligados a uma lembrança, pode ser uma recordação pessoal, mas também pode não ter o apoio do tempo cronológico. Portanto, os resquícios da enchente são profundamente marcantes na memória desta colaboradora. Ela ainda infere que:

Essa região aqui ficou toda inundada? Onde foi ficar terra, foi só lá no colégio e bem aqui nessa pracinha aqui, mais o resto ficou tudo inundado. O que as enchentes causam assim tudo tem destruição né? E, destrói mesmo, tudo fica destruído, quando a gente chega só se ver o jeito, aí a gente vai trabalhar pra ajeitar de novo⁴⁵.

Segundo o exposto, a colaborada mostra como é difícil reconstruir, pois na maioria das vezes as famílias não estão preparadas para encarar um novo recomeço, depois de verem tudo devastado. E recomeçar, talvez, seja umas das tarefas mais inaceitáveis para a população. De antemão entendo o sentimento de frustração pelas quais tiveram que passar.

Quando a entrevistada retrata a “pracinha” esta se referido a Praça São Domingos. Visualizamos pela imagem abaixo, a situação que ficou a praça que é um lugar de lazer para população.

⁴⁵ Maria das Graças Lima Costa. Lavradora, 67 anos. Entrevista concedida á Marciane Maria dos Santos, no dia 13 de janeiro de 2016.



FIGURA 08: Praça São Domingos
 Fonte: Figura extraída do acervo da Prefeitura Municipal de Joca Marques

Esta figura acima trata das reais circunstâncias pelas quais ficou a cidade na época das enchentes. Salienta-se que desta forma atingiu diretamente aos que necessitam deste lugar para as vivências do cotidiano. Como a cidade é pequena muitos utilizam a praça como diversão, já que não possuem outros pontos a que possam colocar em práticas as conversas informais, principalmente, os jovens.

Pensando nesta problemática das alterações da vida cotidiana, na visão de Heller (1970, p. 18): “são parte orgânica da vida cotidiana a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada etc.” Convém, então, deixar explícito que população aqui analisada é dependente do rio em todos os sentidos, por que alguns são praticantes da agricultura de subsistência; outros dependem da pesca e da pecuária. Quando as enchentes atingem esse público nativo, seu dia a dia é drasticamente desfavorecido. Consoante ao pensamento de Certeau (1990, p. 175): “que as práticas do espaço tecem, com efeito, as condições determinantes da vida social”. Portanto, estabilidade social desse grupo é vulnerável mediante aos princípios das ocorrências das enchentes.

Entretanto, as pessoas as quais entrevistei retratam bastante a questão do pertencimento daquele lugar, embora se tornando alvo fácil das enchentes devido à precariedade e vulnerabilidade. Ao falar em pertencimento também é viável pensar que a população ribeirinha tem uma identidade com esse *locus* e que merece ser vista com mais

atenção, pois sua permanência nesse local pode ter um caráter de resistência para manter as relações sociais que ali se construíram.

Quando a alusão às identidades entende-se que cada uma das pessoas que vivenciaram as enchentes de 2008 e 2009 carrega em si uma identidade local. Segundo Baumam (2005, p.17) a questão das identidades “só surge com a exposição da segunda categoria e apenas por existe mais de uma ideia para manter unida a comunidade fundida por ideais que se é exposto em nosso mundo de diversidade”. Acerca o modo de vida durante a propagação do fato acima transcrito Seu Raimundo José discorre que:

Quando aconteceu às enchentes do rio Parnaíba! Ai a gente saiu, foi o jeito que teve agente saiu para partes mais alta né! Ai a gente vinha só pra pescar mesmo e voltava de novo. A família vem junto com a gente né! Todo mundo se muda, vai para algum lugar mais a família⁴⁶.

Na visão desse colaborador as enchentes tem seu lado bom e ruim. Bom no sentido de quem sobrevive da pesca com a eventual enchente ficam mais fácil adquire seu sustento; mas também tem seu lado ruim, segundo o morador, pois os pertences ficam destruídos e a casa ficou caindo aos pedaços.

Por outro lado, para Seu Sebastião as enchentes só trazem prejuízos:

Para gente, perde o legume! Perde tudo, ai não trás nada bom não, eu vejo gente que pede enchente, mas enchente para nós é prejuízo, dá muito trabalho, os bichos sofrem muito com fome é! Enchente é prejuízo pra mim, tudo que fazemos durante anos se perde? Tenho pena dos nossos animais que precisam ser retirados para outros lugares⁴⁷.

Diante a essa fala percebe-se que há uma distorção em relação há visão de cada um acerca das enchentes. É indiscutível não ver como os criadores de animais são afetados, pois muitos têm nas margens do rio plantações de cana que utilizam na alimentação deles, assim como pastos. E na eventual circunstância que se encontraram foi necessário fazer arrendamentos de terras no interior da cidade para alocá-los, tendo um gasto financeiro a mais.

Seguindo essa linha de pensamento, Salis e Oliveira (2013, p. 20) reproduzem que “os prejuízos são muitos para as populações afetadas e o medo se generaliza quando suas casas são invadidas pelas águas”. No caso de Joca Marques que foram dois anos seguidos como aponta Seu Bernardo Claro que a destruição foi de grandes dimensões:

⁴⁶ Raimundo José de Sousa. Pescador, 53 anos. Entrevista concedida a Marciane Maria dos Santos, no dia 30 de janeiro de 2016.

⁴⁷ Sebastião de Oliveira Sousa. Lavrador, 48 anos. Entrevista concedida a Marciane Maria dos Santos, no dia 03 de Janeiro de 2016.

Começou é assim quando o inverno começou a enchente veio junto e foi só aumentando! Só acrescentando que botou nós pra viajar. Isso aqui ficou tudo cheio d'água? Ficou tudo coberto, alias aqui na primeira enchente ainda escapou um balãozinho de terra aqui. Na outra enchente foi que lavou tudo já tinha feito essa daqui sabe!⁴⁸

Nesse relato percebi que o colaborador fez uma comparação entre as sucessivas enchentes, ele ainda frisou que por falta de preparo que estão sofrendo com esse problema. Na tentativa de mostrar as reais condições pelas quais a família dele passou infere que “sem ter enchente é melhor né porque o pouco que a gente planta, gente colhe, num tendo falta de chuva né”⁴⁹.

Portanto o drama vivenciado pela população Joca Marquense nos bairros mais vulneráveis e suscetíveis a ocorrências dessas avarias, que é de ordem pública e natural, pois como se sabe o homem também é culpado pela destruição que realiza no meio ambiente. Durante as enchentes, ainda há um agravante: além de depender dos abrigos, tem a proliferação de doenças:

A baixada das águas também constitui um problema serio para a população. As autoridades sanitárias e de saúde se mobilizam para que não haja surto de epidemias na cidade, pois os diagnósticos mais frequentes nessa época são: infecção respiratória, diarreias, escabiose, leptospirose entre outras, pois há proliferação de mosquitos, lama poeira com maior risco de contaminação (SALIS e OLIVEIRA, 2013, p. 20-21).

É imprescindível colocar em evidência esses problemas que fazem parte do cotidiano. Um dos colaboradores narra que há proliferação de doenças, posto que as casas ficam contaminadas pelas águas barrentas que acabam entrando em seus lares. Uma preocupação que percebi nos diálogos que tive foi com relação ao retorno quando as águas baixam como aponta Dona Maria das Graças:

Passemos um mês, e ai quando volta é uma tristeza por que está tudo se tu ver minha irmã, o pessoal não volta tudo de uma vez né, uns vão ficar por lá, outros não voltam, uns vem na frente outros atrás e é assim, ai fica aqueles buraco nas estradas é uma coisa muito triste⁵⁰

Depois ter passado por tanto problemas o retorno é ainda mais drástico, pois vão reconstruir todas as suas vidas. Começa sempre a reconstrução das casas que ficam arrasadas,

⁴⁸ Bernardo Claro dos Santos. Lavrador, 67 anos. Entrevista concedida a Marciane Maria dos Santos, no dia 28 de janeiro de 2016.

⁴⁹ Bernardo Claro dos Santos Lavrador, 67 anos. Entrevista concedida a Marciane Maria dos Santos, no dia 28 de janeiro de 2016.

⁵⁰ Maria das Graças Lima Costa. Lavradora, 67 anos. Entrevista concedida a Marciane Maria dos Santos, no dia 13 de janeiro de 2016.

e é preciso retirar a lama que se prolifera no ambiente familiar, assim também como organizar todo seu entorno. O momento, muitas vezes, é de frustração, pois verem que tudo o que levaram anos para construí se finda em um instante.

Nesse processo de reconstrução do ambiente um dos meus entrevistados relata que, às vezes, não tem coragem de refazer o que está destruído. Pensando nessa perspectiva considero a situação tem raízes amargas na memória destes indivíduos, pois o recomeçar um significado marcante no tocante as conjunturas da dinâmica local.

Sobre a questão em evidencia Seu José Batista coloca seu ponto de vista acerca das questões relacionadas ao retorno e que muitos ficaram na “Parte Alta” dizendo que:

De lá da parte muita gente se mudou pra cá depois da ultima enchente? É tem muita gente! Aqui mora muita gente depois da enchente nessa casa por ai, um bocado já se mudou, só ainda num veio o proprietário mesmo, mais quando ele encher que eles veem talvez um bocado não volte mais é por que naquele tempo! O sujeito não tinha casa aqui, hoje todo o povo da beira do rio tem a casinha deles, conjunto que fizeram né? Mais os outros têm né! E quando um dia água botar pra fora pode ter pra onde vá né! Temos muito que num volta mais não tens uns que só querem vim quando encher mesmo ai alagar num volta mais pra lá⁵¹

Por outro lado, temos um emblemático problema no ato de reconstruí, pois a maioria dos atingidos não possui uma situação financeira favorável, por isso ficam dependendo das políticas públicas que por nunca ocorreu levando isto há gerar conflitos. Portanto, os conflitos internos que se sucederam na cidade justamente pela falta de compromisso por parte dos gestores com a população.

Mas também houve muita solidariedade por parte da população não afetada em está ajudando as famílias atingidas. Como podemos averiguar o cotidiano foi profundamente modificado em sua totalidade. Segundo Heller (1970, p.46) “a estrutura pragmática da vida cotidiana tem consequências mais problemáticas quando se coloca em jogo a orientações nas relações sociais”.

Os saberes populares são imprescindíveis na construção sistemática da relação homem e natureza para o público alvo como diz seu José Batista:

No início do ano agente já percebe se o inverno vai ser bom, mas muitas das vezes nos enganamos como foi em 2008 e 2009. Todo mundo dizia que o inverno ia ser ruim, que não teria enchente! Mais minha filha que já viu enchentes acontecerem no mês de junho, sempre falava que ia ter enchente, e num é que quando o inverno realmente começou foi rigoroso, por que quando Deus quer as coisas acontece.

⁵¹ José Batista da Costa. Lavrador, 79anos. Entrevista concedida a Marciane Maria dos Santos, no dia 26 de janeiro de 2016.

Na imaginação deste colaborador, há um misticismo em relação aos aspectos religiosos, por que quando se refere a Deus, presume-se que esteja associando as enchentes aos dogmas doutrinários da religião como se fosse possível que a causa dos eventos ambientais nesta época tenham sido projetadas por Ele quando na realidade as causas são bem maiores. Estão atreladas ao próprio homem. Como também, devemos deixar claro que os saberes populares dos ribeirinhos quanto aos ciclos da natureza também são pertinentes ao tema em discussão.

A situação descrita não é fácil, porém, se paramos para pensar que por falta das políticas públicas que a população vem sofrendo os dramas das catástrofes das enchentes na cidade e que se houvesse política de proteção das margens do rio, ou mesmo projetos voltados para evitar o assoreamento do rio. Tudo isso poderia ser evitado ou pelo menos sanado. Não serei negligente em discutir o problema levando em consideração apenas o lado político, pois sabemos que população que também é culpada pela situação tivesse consciência que o espaço em discussão deve ser protegido e não só denegrido haveria menos ocorrência.

A consciência ambiental deve ser introduzida na cidade, pois, no momento em que a população começa a entender que os danos causados por eles interferem diretamente nas causas das enchentes, possivelmente, passem a valorizar e preservar o espaço que a maioria usufrui. Mas, por enquanto, não houve uma ação conjunta entre o Poder Municipal e população para chegar um projeto de preservação das margens do rio, o problema persistirá. É até interessante observar que o Estado tem leis que protegem o rio, mas que não abrange todo o percurso que o rio faz.

O mais constrangedor é que na Legislação Ambiental dos Recursos Hídricos do Piauí tem um artigo que propõe que os municípios tem que implantar a Educação Ambiental, assim também como as Leis Municipais de Proteção Ambiental, mas no caso da cidade de Joca Marques nunca foi implantada nem o Plano Diretor Municipal⁵² - que é órgão responsável pelo instrumento de política urbano utilizado para planejar o desenvolvimento das cidades. A distribuição espacial da população e das atividades econômicas do município e do território sob sua área de influência, de modo a evitar e corrigir distorções do crescimento urbano e seus efeitos negativos sobre o meio ambiente.

A realidade é, portanto, muito distante do que as leis ambientais colocam as zonas costeiras dos rios devem ser preservadas. Em tese os municípios deveriam ter um plano de

⁵² SEMAR. Disponível em: http://www.semar.pi.gov.br/download/201603/SM15_ecd7c50a18.pdf. Acessado em 20 de julho de 2016.

conservação ambiental, para resguardar as belezas naturais através de projetos voltados para questões ambientais. No entanto, o que se observa são os enormes contrastes e distorções dos gestores como da própria comunidade local.

3.3 Ação do poder público na cidade de Joca Marques

Um dos pontos que merece atenção neste trabalho é verificar como os poderes públicos se comportam diante dos problemas sociais e naturais. Sendo que as enchentes que ocorreram nos anos 2008 e 2009 tem uma parcela de culpa do poder local. Pois como se sabe a cidade nunca passou por um planejamento adequado nas áreas que, frequentemente, são afetadas. Santos et al. (2014, p. 207) corroboram quando relatam que “a experiência desses desastre (desalojamento, perdas bens, aquisição de doenças etc.) marcam as comunidades com sofrimento ao relembrar das perdas causas por esse eventos, cuja dimensão social não pode ser esquecida” (SANTOS et al, 2014, p.207).

Entretanto, sabe-se esse problema não é apenas de ordem municipal, mas também de estadual. Enquanto não haver um diálogo acerca da preservação do rio, por parte da população e do poder público para tomarem consciência do mau que fazem ao meio ambiente e acrescentam-se aos anos de bons invernos, os moradores vão sofrer as consequências que não são favoráveis. Sobre esses aspectos Santos et al:

Ou seja, frente aos descasos dos órgãos governamentais em termos de prevenção e planejamento, a população vai buscando soluções próprias para mitigar as perdas de prováveis futuras enchentes, que certamente voltaram acontecer (SANTOS et al. 2014, p. 212).

As reflexões sobre as políticas adotadas durante as calamidades sociais variam, desde a falência do poder público municipal em dar assistência aos desabrigados, ou melhor, dizendo, alguns ficam ausentes, pois acham que não é sua a responsabilidade. Na referida cidade, por exemplo, temos casos em que o poder público não fez papel. Sobre essa falência a Bernardes et al aponta que:

Outra reflexão pertinente diz respeito á falência do poder local, entendido como instituições e políticas públicas que se destinam a promover a gestão do território municipal. A necessidade desta reflexão se manifesta ao consideramos a problemática das enchentes não apenas como de ordem natural, mas também de ordem política. (BERNARDES et al, 2011, p. 1036).

Analisando essa questão pelo prisma da ordem política, presume-se que em cidade onde os habitantes são, em sua maioria, não possuem poder aquisitivo, os governantes agem

de acordo com o que é lhe favorável. Na cidade Joca Marques esse contexto não é diferente. Muitos governantes vêm na desgraça alheia uma forma de obter prestígio, sendo as enchentes são problemas sociopolíticos.

Diante da proporção dos estragados causados pelas enchentes em 2009, na cidade foi realizado um cadastramento das famílias atingidas direta e indiretamente pelas intempéries, para que houvesse uma ação conjunta entre poder municipal e estadual para provimento das políticas públicas. No entanto, em 2008 não foram realizadas nenhuma destas medidas. Uma das formas que o poder público e a assistência social do Estado fizeram foi à doação de cestas básicas, assim também como os colchonetes para famílias. Mas isso é um direito que todo cidadãos tem quando esta em situação de emergência e vulnerabilidade. Um dos colaboradores relatou como se fosse o próprio prefeito que dava, porém, como se sabe é um direito inerente deles serem aparados por políticas públicas quando estão em situação degradante. Isso, todavia, não é suficiente, pois alguns nem se beneficiaram. Seu Sebastião relatou que para família dele não obteve ajuda:

E o poder público não deu alguma assistência durante esse período! Não assistência de nada? Pra nós lá não, lá todo mundo alagado mais não teve assistência de nada? Mais lá pra nós é esquecido, para minha família não houve ajuda! Mais teve gente que ganhou cestas, colchonetes⁵³.

Enquanto uns falam que o poder público deu assistência por menor que tenha sido a contribuição, este senhor já discorda da postura adotada por os órgãos municipais. Percebo que há dualidade entre as falas dos colaboradores no que concerne essa relação dos setores sociais. Sobre temática aqui questionada uma colaboradora coloca que teve ajuda para retirar seu pertences:

O prefeito começou a botar o pessoal pra fora viu, por que naqueles tempos mais antigo que o pessoal não tinha nada mesmo, tinha mesmo pouquinho coisa a gente sair de canoa, sai quando a água estava bem na porta, as canoas estava ali perto, ai gente ia pra fora, agora como o pessoal tem umas coisinhas, ai ele mandava, mandou tirar, quando o rio começou a encher acolá aquela ponte, ante de tomar a ponte ele mandou botar o pessoal pra fora, ai botava as coisas pra fora e o pessoal ficava dentro da, das casa. É eles ajudaram, eles ajudaram muito com cestas básicas⁵⁴.

Em meio a tanta precariedade podemos observar que o problema das enchentes tem caráter muito emblemático. Uns argumentam que houve ajuda outros não. As raízes desse problema não são apenas desse período aqui estudado. Pois sabemos que por vários anos a

⁵³ Sebastião de Oliveira Sousa. Lavrador, 48 anos. Entrevista concedida a Marciane Maria dos Santos, no dia 03 de Janeiro de 2016.

⁵⁴ Maria das Graças Lima Costa. Lavradora, 67 anos. Entrevista concedida a Marciane Maria dos Santos, no dia 13 de janeiro de 2016.

cidade já vivenciou o problema das enchentes só que nos dias atuais tem se acoplado ainda mais, devido ao fato que a população intensificou a migração, assim também como o desmatamento e falta de consciência ambiental os levou há permanecer refém das circunstâncias.

Mas também não podemos generalizar em está mostrando apenas o aspecto negativo. Visto que em 2009 houve uma parceria entre Governo Federal, Estadual e Municipal para construção de um conjunto habitacional para as famílias que foram alagadas em 2008 e 2009. Só que o conjunto foi entregue as famílias no início de 2010, mas maioria da população afetada não que sair do lugar onde passaram anos de sua vida, pois eles já possuem uma identidade com lugar como nos fala Seu Raimundo José:

Aquele conjunto parece que foi feito em 2009, nós tem até uma casa lá também. No caso todo mundo já tinha a casa em 2009 mais mesmo assim? O pessoal num querem viver assim não, o prefeito mandava fazer a casa para o povo mesmo pelo problema da alagação ai o pessoal vende, num vai morar por que o lugar é triste isso aquilo outro mais é como eu lhe falei, ai eles pensam que o Deus mudou de Deus, num vai ter alagação mais né! Mais Deus num muda, Deus todo tempo são só um só. Tipo assim vocês gostam de morar aqui, mesmo sabendo que tem essas alagações corre o risco mais prefiro aqui.⁵⁵

Talvez por falta de conhecimento, as pessoas raciocinam que a construção desse conjunto habitacional foi realizada por iniciativa municipal. Mas na verdade foi uma junção do Estado junto com Esfera Federal. O Poder Municipal só fez o mapeamento de quantas famílias foram atingidas. Da população contemplada nem todos quiseram se mudar para a Parte Alta da cidade, pois, como mencionado, a cidade de Joca Marques é dividida em duas partes.

São diversos os problemas enfrentados pela população ribeirinha. Em conversas informais com algumas pessoas, eles relataram que muitos ainda não se mudaram para Parte Alta da cidade por causa de outro problema: a falta de água potável, pois onde foi construído esse conjunto habitacional tem dias que a água não chega aos lares.

Trazer essa discursão para o mundo acadêmico foi sem sombra de dúvidas, viável. Por que é preocupante a vulnerabilidade dessas famílias. No entanto, é compreensivo que o Poder Municipal não possa atender as demandas, mas, no caso, tem que haver uma maior preparação e responsabilidade para lhe dar com as questões sociais.

⁵⁵ Raimundo José de Sousa. Pescador, 53 anos. Entrevista concedida a Marciane Maria dos Santos, no dia 30 de janeiro de 2016.

O mais importante é perceber que as enchentes não são um fenômeno atual, pois meus colaboradores narraram em seus discursos que houve nas décadas de 1970 e 1980. E os poderes públicos ficam alheios aos problemas e as comunidades ribeirinhas, sobretudo, ficaram vítimas do sistema. A falta de projetos voltados para impedir as enchentes, como construção de cais, proteção aos desmatamentos, assim também como obras para intervenção do homem nas proximidades das margens nada disto viriam a acontecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo que devido à ocupação desordenada das margens do Rio Parnaíba e a falta de políticas públicas a população Joca Marquense vem sofrendo eventos esporádicos causados pelo problema das enchentes. Compreende-se que as enchentes ocorridas nos anos de 2008 e 2009 marcaram profundamente o modo de vida desta população. Historicamente o problema das enchentes na cidade não é um problema recente, pois nas décadas de 1970 e 1980 ocorreram e segundo as pessoas que entrevistei relatam que foram as maiores que tiveram na cidade supracitada.

As vítimas das enchentes geralmente são pessoas que vivem em zona de risco que é também consequência da falta de planejamento territorial somada à desigualdade social latente que os leva a viver neste lugar que não tem nenhuma infraestrutura adequada, faltam às mínimas condições necessárias que o ser humano precisa para sobreviver.

Durante as enchentes a paisagem urbana foi modificada. Sendo mais precisa cidade parou para vivenciar esse caos que é de demanda social e natural, no entanto, os governantes ficam alheios há destruição que as enchentes causam no dia a dia das pessoas afetadas. O pior é quando se percebe que se houvessem políticas públicas para preservação das margens do rio tudo isto poderia ser evitando. Mas se sabe que nem sempre o poder público dedica-se à proteção, preservação e recuperação do meio ambiente natural e construído.

Logo, se percebe a fragilidade do município frente aos problemas das enchentes. Porque segundo os colaboradores o órgão municipal não faz nenhum projeto e/ou programa para amenizar o estado degradante da comunidade. O que fizeram foi apenas o conjunto habitacional que só foi entregue em 2010. Sendo o período mais necessário era durante as enxurradas.

De modo geral, as enchentes que ocorreram no município de Joca Marques (PI) na memória dos sujeitos entrevistados é um fenômeno histórico que vem se agravando com o passar dos anos. Em lembranças há um saudosismo do lugar onde sempre viveram, e tem uma imagem positiva das suas vivências em torno do rio.

Vale ressaltar que nessa tentativa de compreender as vivências da população atingida deparei-me com situações extremamente vulneráveis. Não menos importante, cabe salientar que este trabalho tem uma total importância para história social. A falta de consciência por parte da população com os problemas ambientais também não pode ser ignorado, pois se

houvesse políticas públicas ambientais para as famílias que habitam os bairros suscetíveis ao desastre ambiental muitos não estariam em condições alarmantes.

Portanto, nesta pesquisa científica, mostramos que a paisagem urbana foi altamente alterada durante o evento. O conhecimento sobre as questões ambientais estão presentes na memória dos meus colaboradores, no entanto, quando se discute a proteção ambiental é uma realidade distante. Para tanto, considero ser de grande importância os poderes públicos e população tomarem conhecimento das leis para que se possa introduzir ao município.

Logo, as mudanças que podem ocorrer só dependem da participação e conscientização de todos os envolvidos na problemática. Sabemos que os fatores naturais também sua participação nesses eventos, mas quando houver zonas de monitoramento nas áreas que são sempre atingidas, teremos menos eventos desta magnitude.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALBURQUERQUE, Marcos Machado de. *Relação entre o uso e ocupação do solo e variáveis climáticas*: Estudo em bairros da cidade de Teresina, Piauí / Marcos Machado de Albuquerque. Teresina: 2012. 105f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente).

ALENCAR, Edna F. *Paisagem na memória*: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade. Teoria e pesquisa, vol XVI. nº02, jul/dez 2007.

ALMEIDA, José Jonas. *Os Riscos Naturais e a História*: O caso das enchentes em Marabá-PA. Tempos Históricos, v.15. 2º semestre de 2011. p.1-34. Acessado em 15 de Agosto de 2015.

ALMEIDA, Lutiane Queiroz de. *Vulnerabilidades socioambientais de rios urbanos*: bacia hidrográfica do Maranguapinho, região metropolitana de Fortaleza – CE. Rio Claro-São Paulo, 2010. 278 f. Tese de Doutorado.

ALVES, Vicente Eudes Lemos. *As bases históricas da formação territorial piauiense*. Geosul, Florianópolis. v.18, nº 36, p.55-76, Jul/Dez. Acessado em 19 de maio de 2015.

ARAÚJO, José Luis Lopes. *Rastro da carnaúba no Piauí*. Revista Mosaico, v.1, n.2, p.198-205, jul./dez., 2008. Acessado em 18 de maio de 2015.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*: nota sobre a fotografia: Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

BAUMAN, Zygmunt, 1925. *Identidades*: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman: traduções Carlos Alberto Medeiros- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

BERNARDES, A. et al. *A História Recentes das Enchentes*: A situação das cidades da Zona da Mata Sul de Pernambuco. V. Colóquio de História: perspectivas históricas, historiografia e patrimônio, novembro de 2011. p.1029-1038.

BOSI, E. *Cultura e desenraizamento*. In: Alfredo Bosi. (Org.). *Cultura brasileira - temas e situações*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2004, v. , p. 16-41.

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia*: a Escola dos Annales 1929-1989 /Peter Burke; tradução Nilo Odália. – São Paulo: Editora UNESP, 1992.

———, Peter. *O que é história cultural*. Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRITO, Fausto. *AS MIGRAÇÕES INTERNAS NO BRASIL: UM ENSAIO SOBRE OS DESAFIOS TEÓRICOS RECENTES*. Este ensaio é uma versão revista e ampliada do texto apresentado no Taller CELADE de Migracion Interna, Brasília, 2007.

BRUCK, Mozahir Salomão. *Memória*: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano: Entrevista Ecléia Bosi, dispositivo v.1 n.2, nov2012/abr 2013

CANDIDO, Antônio. *Os Parceiros do rio Bonito: Estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Rio de Janeiro: 11 Edições, 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CASTRO, Hebe. *História social* IN: Domínio da História; ensaio de teoria e metodologia/ Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (org). Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.45-59.

CASTELO BRANCO, Renato. *Os Castelos Brancos D'Além- Mar*. São Paulo. 1º Edição, 1980.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano: arte de fazer*. 3º Edição. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1990.

DIEGUES, Antônio C; Arruda, Rinaldo (orgs). *Saberes tradicionais e biodiversidade*. Brasília, Ministério do Meio Ambiente: São Paulo, USP. 2001.

_____, Antônio Candido. *O mito Moderno da Natureza Intocada*. São Paulo, 1996.

DRUMMOND, José Augusto. *A História Ambiental: temas, fontes e linha de pesquisa*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.4, nº.8. 1991, p. 177-197.

ESPINDOLA, M.; NODARI, E. *Enchentes inesperadas? Venerabilidades e Políticas Públicas em Rio do Sul-SC, Brasil*. Revista Esboços, Florianópolis, v.20, nº.30, p.9-34, dez.2013.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do tempo presente*. Cultura Vozes, Petrópolis, v.94. nº 3. p 111-123.

GANDARA, Gercinair Silvério. *Rio Paranaíba e a História Ambiental*. Textos Históricos, vol 17, nº 1, 2009. Acessado em 25 de junho de 2015.

_____, Gercinair Silvério. *Rio Parnaíba, cidades-beiras: (1850-1950)*. Teresina: EDUFPI, 2008.

HELLER, Agner. *O cotidiano e a História: Tradução Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder*. 6º Edição, Paz- 1970, São PAULO.

KOBIYAMA, Masato. *Prevenção de desastres ambientais: Conceitos básicos*. Curitiba. Ed. Organic Trading, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História Oral: como fazer, como pensar/ José Carlos Sebe Bom Meihy, Fabiola Holanda*, 2º Ed; 3º reimpressão, São Paulo: Contexto, 2014.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.

MORAIS, Erasmo Carlos Amorim. *MEMÓRIAS DO CAIS: Parnaíba, a cidade, o rio e a prostituição (1940-1960)*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil).

MOTT, Luís. *Piauí Colonial: população, economia e sociedade*. Teresina. 2º Edição-FUNDAC, 2010

NUNES, Odilon. *Pesquisa para história do Piauí: a Independência do Brasil, especialmente no Piauí. Manifestações republicanas. A ordem*. Teresina: FUNDAPI- Fundação Monsenhor Chaves, 2007.

———, Odilon. *Pesquisa para história do Piauí: Pré-história. Primeiros contatos com a terra. Primórdios da Colonização e Ausência de governos*. Teresina: FUNDAPI- Fundação Monsenhor Chaves, 2007.

OLIVER, Rubens George. *Urbanização e Mudança Social no Brasil*. Rio de Janeiro. Biblioteca Virtual de Ciências Humanas da UFRJ, 2010.

PÁDUA, José Augusto. *As bases teóricas da história ambiental*. Estudos Avançados 24 (68), 2010. Acessado em 29 de novembro de 2015.

PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo. Editora Brasiliense, 6º edição, 1961.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, *Cidade Espaço e Tempo: Reflexões Sobre a Memória e o Patrimônio Urbano*, vol. II, nº 4. Pelotas, RS, Ed. UFPEL. Ago/Dez 2005.

POLLAK, Michel. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.5, nº 10, 1992. p 200-212.

PORTELLI, Alessandro. *O que faz a História Oral diferente*. Projeto História. São Paulo, (14) fevereiro 1997.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí (1900-1920)*. Teresina: UFPI: Academia Piauiense de Letras, 1994.

SALIS, C.L.; OLIVEIRA, T, S.M. *A problemática das enchentes e cheias periódicas não município de Marabá/PA: O caso do Bairro Santa Rosa*. Caderno Meio Ambiente e Sustentabilidade, vol.2, nº 2/jan/jun 2013.

SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. *Evolução Histórica da Economia Piauiense*. Teresina. 2º edição- Academia Piauiense de Letras- convênio com o Banco do Nordeste. 2001.

SANTOS, Fábio Alexandre dos. *A invasão das águas ou águas invadida? A construção nacional e econômica das enchentes de São Paulo (1875-1936)*. São Paulo, 2011, p.1-16, in XXVI Simpósio Nacional de História.

SANTOS, Jocélio Araújo dos. *Análise dos Riscos Ambientais relacionados às enchentes e deslizamentos na Favela de São José, João Pessoa-PB*. Dissertação de Mestrado em Geografia apresentado em Setembro de 2007, p. 112.

SANTOS, C. et al. *Industria das Enchentes: Impasses e desafios dos desastres socioambientais no Vale do Itajaí*. Geosul, Florianópolis, V.29, nº 57, p.197-216, jan/jun. 2014.

SANTOS, Milton. *Técnica Espaço do Tempo- Globalização e meio técnico- científico-informal*. São Paulo, 1994.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *História das Paisagens: IN: Domínio da História; ensaio de teoria e metodologia/* Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (org). Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.297-317.

SILVA, Josenias dos Santos. *ALMANACK DA PARNAHYBA*. Nos Tempos dos Bons Ventos Fluviais. Teresina. ISBN: 978-85-98711-10-2.

RODRIGUES, Carmem L; CORA, Elsie José. *A consciência ecológica e o Direito Ambiental*. Disponível :http://www.artigocientifico.com.br/uploads/artc_1151874904_78.doc>Acessado em 16 de junho de 2016.

TUCCI, Carlos E.M. *Águas no meio urbano: capítulo 14 do livro Água Doce*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1997. Acessado em 24 de Setembro de 2015.

WORTER, D. *Para fazer a História Ambiental*. 1991, v.4,n.8, p.198-215. Disponível em: http://www.artigocientifico.com.br/uploads/artc_. Acessado em 20 de junho de 2015

XIMENES, E.F. *Enchentes e Saúde: Levantamento das diferentes abordagens e percepções, Região do Médio Paraíba- RJ* 2010. Rio de Janeiro, 2010. Tese de doutorado apresentada á Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca.

ZAMPIER, Isabela Costa. *Além das Águas: Um retrato dos atingidos pelas enchentes do Rio Muriaé*. Viçosa- MG. 2014. Monografia apresentada ao de comunicação social- jornalismo.

SITES CONSULTADOS

WWW.htt/0Nordeste.com%20%20Enciclopédia%20Nordeste%20%20Rio%20Parnaíba,%20Maranhão_Piauí.html. Acessado em 02 de Junho de 2015.

Defesa Civil Do Estado do Piauí. Disponível em: <http://www.defesacivil.pi.gov.br/index.php>. Acessado em 30 de outubro de 2015.

Mistério dos transportes. Disponível em: <http://www.ministeriodostransporte.gov.br>. Acessado em 04 de Abril de 2015.

Fonte Blog do Efrém Ribeiro. Disponível em: WWW.htt/portalAZ.Blog.EfrémRiberio.com. Acessado em 30 de outubro.

Jornal meio Norte. Disponível em: www.meionorte.br . Acessado em 04 de Maio de 2016.

Portal *180 graus*. Disponível em: <http://180graus.com/noticias/defesa-civil-entrega-alimentos-para-familias-desabrigadas-190062.html>. Acessado em 03 de julho de 2016

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisas.php>. Acessado em 20 de novembro de 2015.

Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Piauí. Disponível em: http://www.semar.pi.gov.br/download/201603/SM15_ecd7c50a18.pdf. Acessado em 20 de julho de 2016.

ENTREVISTAS

COSTA, José Batista da. Lavrador, 79anos. Entrevista concedida a Marciane Maria dos Santos, no dia 26 de janeiro de 2016.

COSTA, Maria das Graças Lima. Lavradora, 67 anos. Entrevista concedida a Marciane Maria dos Santos, no dia 13 de janeiro de 2016.

SANTOS, Bernardo Claro dos. Lavrador, 67 anos. Entrevista concedida a Marciane Maria dos Santos, no dia 28 de janeiro de 2016.

SOUSA, Raimundo José de. Pescador, 53 anos. Entrevista concedida a Marciane Maria dos Santos, no dia 30 de janeiro de 2016.

SOUSA, Sebastião de Oliveira. Lavrador, 48 anos. Entrevista concedida a Marciane Maria dos Santos, no dia 03 de Janeiro de 2016.

ANEXOS

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Qual sua profissão?

Por que o senhor (a) se estabeleceu aqui?

Qual sua relação com o rio?

Quais as vantagens de morar nas do rio Parnaíba?

Quando aconteceram as enchentes do Rio Parnaíba de 2008 e 2009 para onde o senhor (a) foi?

O que o senhor (a) pensa á respeito das enchentes?

Você por acaso sabe com se dão o processo das enchentes?

Como foi sua vivencia no dia a dia durante o fato ocorrido?

Como foi que o poder público deu assistência á vocês durante as enchente?

Quais as maiores dificuldades que você teve nesse período?